

ELOISA TAVARES FERREIRA

Condições de origem, trajetórias escolares e sociais de alunos
pertencentes à classe popular: um estudo sobre alunos que cursaram
ensino médio em escola privada

Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação:
História, Política, Sociedade

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2008

ELOISA TAVARES FERREIRA

Condições de origem, trajetórias escolares e sociais de alunos
pertencentes à classe popular: um estudo sobre alunos que cursaram
ensino médio em escola privada

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de MESTRE em
Educação: História, Política, Sociedade, sob a
orientação do Prof. Doutor José Geraldo
Silveira Bueno

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora

Resumo

A presente dissertação é resultado de pesquisa realizada em 2007, que visou analisar as condições de origem e as trajetórias escolares e sociais de alunos de famílias pertencentes a uma determinada fração da classe popular que adotam estratégias específicas, comuns nas classes médias, visando à continuidade dos estudos de seus filhos em nível superior ou uma melhor colocação no mercado de trabalho. O interesse pelo tema está relacionado à experiência pessoal como Professora do Ensino Médio de uma escola privada situada na periferia da cidade de Fortaleza, preocupada com os caminhos seguidos por estes alunos. O universo trabalhado foram alunos egressos do Ensino Médio de uma Instituição privada de ensino, localizada em bairro periférico do município de Fortaleza. Foram selecionados 06 alunos que concluíram este nível de ensino no ano de 2004, com os quais foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, que tiveram por fim a coleta de dados a respeito das configurações familiares de origem, as relações sociais construídas, bem como as trajetórias escolares, procurando levantar os fatores mais significativos que levaram cada um desses alunos a percorrerem trajetórias semelhantes. Para proceder à análise dos dados, nos apoiamos no conceito de capital cultural e capital social de Bourdieu, como também nas contribuições metodológicas de Lahire (1997), na medida em que nos propusemos a compreender as trajetórias singulares seguidas por cada indivíduo que foram determinantes ou não para a continuidade dos estudos em nível superior ou para a inserção no mercado de trabalho.

Palavras chaves: ensino médio, ensino privado, classe popular, trajetórias singulares

ABSTRACT

This dissertation is the result of research done in 2007, which aimed to analyze the origin and conditions of the school and social trajectories of students from families belonging to a certain fraction of popular classes who take specific strategies, common in middle classes, targeting the continuity of studies of their children at the top level or better placement in the job market. The interest in the subject is related to personal experience as a high school teacher at a private school located on the outskirts of the city of Fortaleza, concerned about the paths followed by these students. The universe of work was made of former high school students from a private educational institution, located in peripheral district of the city of Fortaleza. We selected 06 students who completed this level of education in 2004, which were conducted semi-structured interviews, which were ultimately to collect data about the origin of family settings, social relationships built, as well as their school trajectories, trying to raise the most significant factors that led each of these students to take similar trajectories. To proceed to the analysis of data we looked for support in the concept of cultural capital and social capital of Bourdieu, as well as the methodological contributions of Lahire (1997), in that we have proposed to understand the singular trajectory followed by every individual who were instrumental or not for the continuation of studies at college or for insertion in the labor market.

Key words: education, private education, popular class, singular trajectory

DEDICATÓRIA

**Aos meus Pais,
Pelo permanente estímulo e presença constante.**

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor José Geraldo Silveira Bueno, pela seriedade de seu trabalho e pela enorme paciência e compreensão para comigo.

Às Professoras Doutoras Ani Martins da Silva e Leda Maria de Oliveira Rodrigues, pelas valiosas orientações como membro da Banca de Qualificação.

À Betinha do Programa EHPS, sempre presente e sorridente.

Ao CNPq, pela concessão de Bolsa Integral.

Ao meu irmão Henrique e minha cunhada Lídia, que me acolheram em São Paulo.

A todos que contribuíram para o meu aprendizado.

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo I - O Ensino Médio no Brasil	p. 06
- O ensino médio hoje	p. 11
Capítulo II - Trajetórias singulares	p. 18
- Elementos centrais da Sociologia de Pierre Bourdieu	p. 22
Capítulo III - As trajetórias singulares de alunos de classe popular que cursaram ensino médio em escola privada	p. 30
- A entrevista	p. 30
- Eixos centrais dos conteúdos das entrevistas	p. 32
- Sujeitos da pesquisa	p. 33
- As trajetórias singulares	p. 35
- Daniel	p. 35
- Caroline	p. 41
- Ana	p.45
- Cláudio	p. 49
- Pedro	p. 53
- Márcia	p. 58

Considerações Finais

Lista de Quadros e tabelas

Referências Bibliográficas

Anexos

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema está relacionado à experiência pessoal como Professora do Ensino Médio de uma escola privada situada na periferia da cidade de Fortaleza, preocupada com os caminhos seguidos por alunos egressos do Ensino Médio, pertencentes a uma determinada fração da classe popular, que buscam na escolarização novas portas e novos caminhos para a continuidade dos estudos em nível superior ou uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Estes alunos e suas famílias, pertencentes a uma fração da classe popular, parecem sacrificar-se financeiramente para realizar seus estudos na escola privada que, mesmo situada longe dos bairros nobres, tem certo destaque em relação às escolas públicas, na medida em que atende a um determinado público capaz de arcar com os custos da escola privada, como por exemplo, mensalidades, visitas culturais, material didático, fardamento, dentre outros.

A maioria destes alunos, ao final da 3ª série do Ensino Médio, sente-se despreparada para enfrentar o vestibular das universidades públicas e reconhecem não estar em condições de arcar como o ônus de uma faculdade privada. Reconhece, ainda, que a escola privada situada na periferia da cidade não tem como oferecer um determinado “padrão de qualidade” comum nas escolas consideradas de elite. Outra questão é o fato de que estes alunos não dispõem de capital cultural e até mesmo econômico, que poderiam ser determinantes fundamentais na continuidade dos estudos ou para a inserção mais qualificada no mercado de trabalho.

Convivendo com estes alunos, foi possível constatar que alguns terminavam por vencer o “bicho papão” chamado vestibular e eram aprovados nas universidades públicas; outros, com condições econômicas diferenciadas, acabavam no ensino superior privado; e, outros tantos desistiam no meio do caminho, finalizando seus estudos na educação básica, procurando logo o mercado de trabalho. Mas, mesmo entre esses últimos, parecia haver uma diversidade muito grande entre as oportunidades, melhores ou piores, de inserção profissional.

A escolha do curso resulta do interesse do estudante por determinada área de conhecimento e da profissão a ela associada, da avaliação das profissões e do mercado

de trabalho, das condições financeiras para arcar com os custos diretos e indiretos da escolarização, das informações de que dispõe sobre as instituições de ensino, das orientações, explícitas ou indiretas, recebidas da família e das possibilidades de contar, mesmo que eventualmente, com o suporte material dos pais. Depende, portanto, de uma configuração de fatores (Lahire, 1997), multiplamente articulados, que incluem ainda o capital cultural e escolar do aluno. Esse último é considerado, por eles próprios, insuficiente para concorrerem aos vestibulares das universidades públicas e de maior prestígio.

Zago faz referência a algumas tendências de pesquisa que elegem a problemática do estudante universitário de origem popular.

Nas últimas décadas, estudos no campo da sociologia da educação produzidos no Brasil e no exterior vêm fornecendo indicadores teóricos importantes para problematizar o que tem sido chamado “longevidade escolar”, casos “atípicos” ou “trajetórias excepcionais” nos meios populares. Trata-se de uma linha inovadora, haja vista ser relativamente recente na disciplina o interesse pelos casos que fogem à tendência dominante, voltada para o chamado fracasso escolar nesses meios sociais. (2006, p. 226)

Com relação à questão da trajetória singular de alunos concluintes do Ensino Médio, objeto de interesse deste estudo, foi possível constatar estudos como o de Zago (2006), que há vários anos desenvolve pesquisas sobre escolarização nos meios populares, voltada especialmente para as trajetórias escolares no ensino fundamental e médio e, mais recentemente, no ensino superior. Suas pesquisas chegam à conclusão que a presença das camadas populares no ensino superior não oculta as reais diferenças sociais dos estudantes. Os resultados da pesquisa indicam efeitos dessas diferenças verificados na composição social dos cursos e no exercício da vida acadêmica, nas suas mais variadas dimensões.

Assim, é possível considerar que as camadas populares não constituem um universo social homogêneo, havendo segmentos diversos em seu interior, seja em função de condições socioeconômicas, seja devido ao capital cultural de que dispõem. Por isso, os integrantes de cada segmento dessas camadas desenvolvem práticas específicas, objetivando o sucesso escolar dos filhos.

Neste estudo, nos deteremos na análise das trajetórias singulares de famílias pertencentes a uma determinada fração da classe popular que adotam estratégias

específicas, comuns nas classes médias, visando à continuidade dos estudos de seus filhos em nível superior ou uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Partindo da necessidade de investigar a direção seguida por alunos egressos do ensino médio, pertencentes a esta fração de classe, elegemos as seguintes questões a serem investigadas em nosso estudo:

- Quais os principais determinantes que levaram os alunos com reduzido capital econômico e cultural a escolherem cursar o Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio em escola privada?

- Qual a influência da família e da rede de relações sociais mantidas pelo jovem na sua decisão em dar continuidade aos estudos ou de inserção diferenciada no mercado de trabalho?

A partir dessas questões, elegemos como objetivo geral de nosso estudo, a análise das trajetórias singulares de famílias pertencentes a uma determinada fração da classe popular que, como citamos, adotam estratégias até então comuns nas classes médias, visando à continuidade dos estudos de seus filhos em nível superior ou uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Sob o ângulo específico nossa proposta é a de analisar:

- ✓ a influência da rede de relações sociais destes indivíduos no seu ingresso no mercado de trabalho e/ou na continuidade de sua escolarização;
- ✓ a influência do capital cultural familiar destes alunos para a continuidade de seus estudos;
- ✓ as práticas específicas adotadas no grupo de alunos pesquisados, objetivando o sucesso escolar.

Para tanto, se faz necessário compreender e analisar as trajetórias escolares individuais destes alunos, considerando a origem social e as condições econômicas e culturais, como fatores determinantes que facilitaram ou dificultaram o seu progresso educacional.

Na área específica do nosso objeto de estudo, realizamos uma pesquisa destinada a investigar a influência que a origem familiar, as relações sociais e o processo de escolarização tiveram em relação às escolhas profissionais destes alunos, egressos do ensino médio de uma instituição privada de ensino.

O campo empírico da pesquisa foi uma instituição privada de ensino situada em um bairro periférico da cidade de Fortaleza-CE. A decisão de realizar o trabalho em uma instituição privada de ensino deve-se ao fato de que situa-se na periferia da cidade, onde os pais parecem se sacrificar financeiramente para manter os filhos em escola particular, na crença de que esta possa preparar melhor o aluno para o ingresso no ensino superior ou mesmo para encaminhamento ao mercado de trabalho.

O universo trabalhado foram ex-alunos egressos do ensino médio da referida Instituição de ensino. Realizou-se um levantamento dos alunos que concluíram este nível de ensino no ano de 2004 e, posteriormente, selecionamos seis destes alunos para realização de entrevistas. Dos seis alunos, três frequentaram o Ensino Fundamental em escola pública e o ensino médio em escola privada e três estudaram sempre em escola particular.

Os temas tratados na entrevista foram os seguintes:

- 1) A trajetória escolar do entrevistado;
- 2) A trajetória ocupacional do entrevistado;
- 3) A caracterização sócio-econômica e cultural dos pais e sua influência na continuidade ou não dos estudos em nível superior;
- 4) Expectativas da família e projetos pessoais dos sujeitos entrevistados.

Para proceder à análise dos dados, nos apoiamos nos conceitos de capital cultural e capital social de Bourdieu, como também nas contribuições metodológicas de Lahire (1997), na medida em que nos propusemos a compreender as trajetórias singulares de cada indivíduo, determinantes ou não para a continuidade dos estudos em nível superior ou para inserção imediata no mercado de trabalho.

Neste sentido, o trabalho apresenta a seguinte organização:

No primeiro capítulo, apresentamos uma discussão sobre o Ensino Médio no Brasil, seu histórico e bases legais, bem como um estudo sobre a sua reforma. O segundo capítulo faz referências aos estudos atuais sobre trajetórias escolares e apresenta alguns conceitos-chaves desenvolvidos por Bourdieu. No terceiro capítulo apresentamos o resultado empírico das entrevistas realizadas, buscando compreender e

explicar como se constituem as trajetórias singulares de alunos concludentes do Ensino Médio, considerando a origem social e as condições econômicas e culturais como fatores determinantes que facilitaram ou dificultaram o seu progresso educacional. Nas considerações finais, procuramos relacionar os principais achados da pesquisa e relacioná-los com o referencial teórico utilizado para a construção da mesma.

CAPÍTULO 1

O ENSINO MÉDIO NO BRASIL

O ensino médio no Brasil tem-se constituído, ao longo da história da educação brasileira, como um nível de difícil enfrentamento, em termos de sua concepção, estrutura e forma de organização, em decorrência de sua própria natureza de mediação entre a educação fundamental e o ensino superior.

Segundo Kuenzer (2001), toda a problemática da educação média gira em torno da tensão entre dois pólos: o formativo e o profissionalizante. Esse debate está instalado, historicamente, ao se discutir as identidades propedêutica e profissionalizante.

Para a autora,

a formação dos trabalhadores e cidadãos no Brasil constituiu-se historicamente a partir da categoria dualidade estrutural, uma vez que havia uma nítida demarcação da trajetória educacional dos que iriam desempenhar as funções intelectuais ou instrumentais, em uma sociedade cujo desenvolvimento das forças produtivas delimitava claramente a divisão entre capital e trabalho traduzida no taylorismo-fordismo como ruptura entre as atividades de planejamento e supervisão por um lado, e de execução por outro (Kuenzer, 2001, p.27).

A essas duas funções do sistema produtivo correspondiam trajetórias educacionais e escolas diferenciadas.

Para a autora, ao ensino médio, por estar no meio (médio), é exigido o enfrentamento adequado de tensão entre educação geral e específica na elaboração da proposta pedagógica de cada etapa do desenvolvimento das forças produtivas, buscando, assim, a síntese historicamente possível de múltiplas determinações infra-estruturais e políticas que caracterizam cada momento.

Dessa forma, a história do ensino médio no Brasil é a história do enfrentamento desta tensão, que leva, segundo Kuenzer (2001), à polarização, em vez da síntese, fazendo dessa *dualidade estrutural* a categoria de análise por excelência, para a compreensão das propostas que se desenvolvem a partir dos anos 1940.

Para Kuenzer ,

A análise das propostas de estrutura e organização do sistema escolar, no transcurso das nove reformas por que passou o ensino secundário, mostra que sua característica mais geral sempre foi a de ensino primário seguido pelo ensino secundário propedêutico e completado pelo ensino superior, este sim dividido em ramos profissionais. Para atingi-lo, o estudante sempre teve que vencer inúmeras barreiras, entre vestibulares e aprovações sucessivas, para que, ao final de no mínimo 15 anos tivesse acesso à certificação formal superior que pretensamente lhe abriria as portas do mercado de trabalho (2001, p.11).

Mesmo a formação intelectual estando sob a responsabilidade da escola, a dualidade estrutural se faz sentir desde o início do século, sendo inicialmente como diferenciação restrita aos cursos primário e ginásial. Assim,

até 1932, ao curso primário havia as opções de curso rural e curso profissional, todas com quatro anos de duração, às quais poderiam suceder outras alternativas de formação exclusiva para o mundo no trabalho no nível ginásial: normal, técnico comercial e técnico agrícola. Essas modalidades voltavam-se para as demandas de um processo produtivo em que as atividades nos setores secundário e terciário eram incipientes, e não davam acesso ao ensino superior. (2001; p.11)

Para as elites havia outra trajetória: o ensino primário seguido pelo secundário propedêutico, completado pelo ensino superior, este sim dividido em ramos profissionais.

Fica claro, então, que essa sociedade já delimitava a ação de seu sujeito, a partir de suas opções acadêmicas, deixando claramente demarcada a divisão social e técnica dos que “pensam e dos que fazem”.

Mesmo com advento da reforma Francisco Campos, em 1932, esta característica marcante não se alterou. Apenas iniciou-se a estruturação do que foi, posteriormente, o 2º ciclo, secundário, com a criação dos cursos complementares. Esses cursos, sempre propedêuticos, constituíram-se, segundo Kuenzer (2001; p.12),

em propostas pedagógicas diferenciadas, articuladas ao curso superior desejado: pré-jurídico e pré-politécnico. Esses cursos complementares eram realizados na própria escola de nível superior e tinham dois anos de duração, destinando-se aos que concluíram a 5ª série do curso ginásial.

As demais modalidades (curso normal e o curso técnico profissional) também passaram por processos de expansão, sem, contudo, alcançar equivalência para fins de acesso aos cursos superiores.

Com a reforma Capanema (1942), e com a promulgação das leis orgânicas, aqueles cursos (complementares), foram substituídos por cursos médios de 2º ciclo, os cursos colegiais – os famosos científico e clássico. Nessa reforma, apesar da manutenção de ramos distintos entre esse curso e os de caráter profissional, verifica-se, de forma sutil, a primeira tentativa de articulação entre eles admitida mediante exames de adaptação. Dessa forma, abria-se uma porta de acesso ao nível superior para aqueles que cursavam os cursos secundários profissionalizantes.

Neste momento histórico, surgiram para atender a essa demanda bem definida de divisão social e técnica, os sistemas SENAI (1942) e SENAC (1946). Neste mesmo período, as escolas de aprendizes artífices transformaram-se em escolas técnicas federais, com a Lei Orgânica do Ensino Industrial (1942).

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 4024/61, manifesta-se pela primeira vez a articulação completa entre o secundário de 2º ciclo e profissional, para fins de acesso ao ensino superior.

Para Kuenzer (2001, p.15):

A diferenciação e o desenvolvimento dos vários ramos profissionais, em decorrência do desenvolvimento crescente dos setores secundário e terciário, acabaram por viabilizar o reconhecimento da legitimidade de outros saberes, não só os de cunho geral, na etapa que se caracteriza como tradicional nova, do ponto de vista do princípio educativo.

A partir daí, Kuenzer (2001), nos diz que houve uma diferenciação no princípio educativo que passou a mesclar um projeto pedagógico humanista de cunho clássico, fundamentado no aprendizado das letras, artes, e humanidade (que continuou sendo a ‘via’ para o ensino superior) com as opções profissionalizantes. Essa diferenciação, contudo, alterou o princípio educativo tradicional que contemplou as duas vertentes definidas pela divisão técnica e social, formando, assim, trabalhadores instrumentais e trabalhadores intelectuais por meio de sistemas distintos.

Com isso, Kuenzer encerra seu pensamento com a seguinte reflexão:

A equivalência estabelecida pela Lei 4024/61, em que pese não superar a dualidade estrutural, posto que permanecem duas redes, e a reconhecida, socialmente continua a ser a que passa pelo secundário, sem sombra de dúvida trouxe significativo avanço para a democracia do ensino (2001, p.16)

Em 1971, a Lei nº. 5.692/71 pretendeu substituir a dualidade pelo estabelecimento da profissionalização compulsória no Ensino Médio. Desta forma, todos teriam uma única trajetória.

A proposta de profissionalização universal e compulsória para o ensino de 2º grau (Lei 5692/71) representou uma tentativa de superar a dualidade estrutural do ensino médio brasileiro, que separou a educação geral da formação profissional.

O fracasso das idéias presentes em seu contexto e nas linhas da legislação que imediatamente a seguiram, porém, não apenas resgatou o dualismo anteriormente vigente, como também acentuou a falta de identidade do 2º grau como patamar de ensino:

As dificuldades relativas à implantação do novo modelo complementadas pela constatação de que, por várias razões, a euforia do milagre econômico não se concretizaria nos patamares esperados de desenvolvimento pretendido, fizeram com que a proposta de generalização da profissionalização no ensino médio caísse por terra, antes mesmo de começar a ser implementada, através do parecer nº 76/1975, que restabelecia a modalidade educação geral, posteriormente consagrada pela Lei nº 7.044/1982. Essa legislação apenas normatizou um novo arranjo conservador que já vinha ocorrendo na prática nas escolas, reafirmando a organicidade da concepção de ensino médio ao projeto dos já incluídos nos benefícios da produção e do consumo de bens materiais e culturais: entrar na Universidade. (Kuenzer, 2001a, p. 30)

Para Piletti e Piletti (2002, p.207), a lei Nº. 5692/71 ocasionou uma total desorganização no ensino de 2º grau, na medida em que

os estabelecimentos foram obrigados a implantar habilitações profissionais, mesmo sem as mínimas condições para tanto. O que se verificou então foi que grande parte procurou burlar a lei ou cumpri-la da forma mais fácil possível: alguns elaboravam um currículo oficial para fiscalização e outro para preparar o aluno para o vestibular: muitos estabelecimentos implantaram as habilitações de menor custo, que exigissem menos recursos, mesmo que não houvesse mercado de trabalho.

Para encerrar esse resumido momento da história da reforma do ensino de 2º Grau, vale a pena recorrer à Chauí (1977), para quem a reforma não havia sido aqui planejada, mas era decorrência do acordo MEC-USAID, com base na relação entre a educação e o desenvolvimento, a segurança e a comunidade:

O item educação e desenvolvimento propunha a formação rápida de profissionais que atendessem às necessidades urgentes do País quanto à

tecnologia avançada. Profissionalização rápida e privatização do ensino foram objetivos prioritários da reforma voltada à criação de mão-de-obra-especializada para um mercado em expansão (...) Educação e desenvolvimento não significa mais do que educação e reprodução da dependência. Educação e segurança visavam à formação do cidadão consciente, entendendo-se por consciência o civismo e o desejo de resolver os “problemas brasileiros”. (...) O item educação e comunidade (...) Traduzido em miúdos, era esse o tópico referente à ligação escola-empresa (já que por comunidade só se entendia os empresários) esta integração visava ao fornecimento de mão-de-obra barata às empresas e o surgimento de uma elite de pseudo- pesquisadores (que seriam capazes de tudo, menos de pesquisa).

Abordando ainda a questão da especificidade das regiões mais desfavorecidas do País, onde os reformadores recusaram utilizar como parâmetro o padrão de ensino nos estados mais privilegiados, mas também deram ênfase aos critérios regionais, ela cita as aberrações em decorrência disso: falta de recursos materiais humanos somada à busca do lucro fez que os cursos profissionalizantes fossem qualquer coisa, menos profissionalizantes.

Outro aspecto da reforma, enfatizado por Chauí (1977), refere-se à idéia do saber. A tarefa inicial da escola (diz a reforma) é trazer à consciência da criança aquilo que é vivido espontaneamente por ela. Como suas experiências são fragmentárias, a tarefa das áreas de estudo e, posteriormente, das disciplinas seria a organização sistemática de tais experiências na forma de conhecimento. Aparentemente é progressiva: “motiva” a criança, amplia seus horizontes, mas ao contrário disso, no lugar de tomar o conhecimento como reflexão crítica sobre os dados da experiência, a lei afirma que o saber sistematiza a experiência imediata: Há um empirismo grosseiro nesta lei que supõe ser o conhecimento a mera ordenação do que a experiência imediata fornece de forma dispersa.

Chauí (1977), ainda, faz críticas aos reformadores, na medida em que considera que eles seriam tão ineptos, que nem conseguiriam entender as críticas que ela lhes fazia:

A reforma é mais lamentável do que poderíamos supor, porque os reformadores nem podem entender a crítica que lhes fazemos em nome da pesquisa; nem sabem eles o que estamos falando. O conhecimento, segundo a reforma não é mais do que o espelho ordenado do real, trazendo à nossa consciência a imagem de um mundo unitário e sem tensões. Sob o empirismo grosseiro e uma visão grotesca do saber esconde-se na reforma uma concepção burocrática da razão e da sociedade.

Por fim, destaca o caráter ideológico da reforma, que, segundo Chauí (1977), pretendia fazer levar aos estudantes uma visão harmônica da sociedade brasileira de então:

A paz racional e a paz social sustentam uma reforma de ensino que é a exaltação da “razão burocrática”, isto é, a destruição da reflexão crítica em nome de uma racionalidade reduzida à integração e a ordenação. Assim se preocupa inculcar nos estudantes a imagem de que são membros de uma sociedade homogênea e harmônica na qual as diferenças entre os cidadãos decorrem da natureza ou do acaso, e onde os conflitos são um mero acidente perfeitamente suprimível. Saber integrado e sociedade integrada são uma só e mesma coisa.

O Ensino Médio hoje

A atual LDB N°. 9394/96 foi aprovada em 17 de Dezembro de 1996, como lei ordinária no Congresso Nacional, cuja aprovação aconteceu após aproximadamente oito anos de discussões, com acordos e desacordos em torno de seu processo de elaboração.

Como toda lei de alto interesse para os diferentes segmentos sociais, causou muitas polêmicas que foram compondo um cenário formado por diferentes grupos sociais que procuravam defender interesses distintos e, até mesmo, antagônicos, provocando a necessidade de novas negociações devido à divergência de interesses de natureza conflitante.

Em meio a tanta divergência, na avaliação de Pino (1997), era até previsível que a nova Lei acumulasse uma significativa quantidade de substitutivos durante a tramitação de todo o processo de sua elaboração, uma vez que representantes de aproximadamente quarenta entidades nacionais ligadas à educação, dentre eles o Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública na LDB, além de órgãos oficiais e deputados, discutiam e defendiam as suas posições, frente a outros grupos, mais conservadores, que procuravam, por sua vez, a aprovação de medidas de cunho mais elitista.

Outro ponto que contribuiu para retardar ainda mais este processo, foi, segundo Pino (1997, p. 15), o fato de que

com o avanço dos anos 90, as posições no campo educacional, longe de se tornarem mais convergentes, tornaram-se mais embaralhadas. Elas convergem apenas na identificação da existência da crise dos sistemas e das políticas educacionais. Divergem na análise dos encaminhamentos das soluções e práticas sociais.

Em meio a grandes divergências político-ideológicas, a LDB foi finalmente votada e aprovada, em 17 de dezembro de 1996, pela Câmara dos Deputados e sancionada pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, transformando-se na Lei nº. 9394/96, em 20 de dezembro de 1996, publicada no Diário Oficial da União, em 23 de dezembro de 1996, quando efetivamente passou a vigorar.

Com relação ao ensino médio, uma primeira grande modificação da nova lei consta de seu artigo 35, pelo qual o ensino médio é definido como a etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, apresentando as seguintes finalidades:

- I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV – a compreensão dos fundamentos científicos – tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (Brasil, Lei Nº. 9394/96, Art 35)

No que se refere ao currículo e organização pedagógica do ensino médio, a Lei 9394/96 propõe:

Art. 36 – o currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste capítulo e as seguintes diretrizes:

I – destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

II – adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes;

III – será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição;

§ 1º - Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I – domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a formação moderna;

II – conhecimentos das formas contemporâneas de linguagem;

III – domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

§ 2º - O ensino médio atendia a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas.

§ 3º - Os cursos do ensino médio terão equivalência legal e habilitarão ao prosseguimento dos estudos.

§ 4º - A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional, poderá ser desenvolvida nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional.

Sendo assim caracterizado, o ensino médio deveria se constituir na última etapa da educação básica a que todos tivessem direito. Porém, se no texto original da Constituição Federal de 1988 estava garantida, no seu artigo 208, inciso II, a “*progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio*”, este direito sofre restrição a partir da Emenda Constitucional 14, que, no seu artigo 2º, dá nova redação ao inciso I e II do artigo 208 da Constituição Federal:

- I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
- II - progressiva universalização do ensino médio.

O governo brasileiro, por meio da referida Emenda Constitucional 14, prioriza o ensino fundamental. Embora tenha, com tal estratégia, postergado a necessidade de responder de imediato à oferta do ensino médio para toda a população demandante, vê-se diante do desafio de desenvolver estruturas de atendimento para esta etapa de ensino, tendo em vista a crescente procura por matrícula dos egressos do ensino fundamental.

Assim, a “redução” da educação básica constitui-se em umas das principais insuficiências a que assistimos nessa reforma, na medida em que o ensino médio só terá sua universalização garantida de forma progressiva, e mais, sem que essa universalização implique na sua obrigatoriedade.

Porém, as estratégias de focalização do ensino fundamental têm resultado, como esperado, em um aumento significativo do contingente de seus concluintes, o que tem elevado em números expressivos a demanda por matrícula no ensino médio, como mostra o quadro seguinte:

Quadro 1
Matrículas totais no ensino médio no Brasil (1991/2004)

Abrangência geográfica:	
Brasil	Total
1991	3.772.698
1994	4.932.552
1995	5.739.077
1998	6.968.531
1999	7.769.199
2000	8.192.948
2001	8.398.008
2002	8.710.584
2003	9.072.942
2004	9.169.357

Fonte: Mec/Inep (1991/2004)

Assim, esta etapa da educação básica vem sendo cada vez mais procurada. Segundo dados do quadro acima, a matrícula no ensino médio cresceu mais de 140% entre os anos de 1991 e 1999, sendo que entre os anos de 1994 e 1999 teve uma taxa anual de crescimento superior a 10%. Embora a taxa de escolarização líquida dos alunos entre 15 e 17 anos tenha crescido, também, no mesmo período, chegando a 43,6%, o MEC ainda a considera baixa já que não ultrapassa os 33,4% desta faixa etária. Por essas razões, o MEC considera que os atuais esforços deverão se concentrar na reforma e expansão do ensino médio¹. Embora o Ministério faça esse discurso, nos últimos anos a taxa de crescimento desse nível de ensino caiu: se, em 1999, o crescimento da matrícula foi na proporção 11,5% em relação ao ano anterior, em 2004 esse crescimento caiu para 1,1% em relação ao número de matrículas em 2003. Além disso, embora o índice de crescimento de 2004 tenha sido o mais baixo dos últimos sete anos, nos anos posteriores a 1999 eles nunca ultrapassaram 5,5%.

A tabela a seguir nos mostra como ocorreu o crescimento do número de matrículas no ensino médio entre os anos de 2000 e 2004, de acordo com cada dependência administrativa (pública: federal, estadual e municipal e privada).

¹ “Brasil mostra resultados e desafios na educação em fórum que reúne 196 países”. Disponível em www.inep.gov.br (Notícias) 26/04/2000.

Tabela 1
Variação do número das matrículas no ensino médio, por
instância administrativa, entre 2000 e 2004

Dependência administrativa	2000	2004	Crescimento/ Redução	
			Nº	%
Federal	112.343	67.652	-44.691	-39,8
Estadual	6.662.727	7.800.983	1.138.256	17,1
Municipal	264.459	189.331	-75.128	-28,4
Privada	1.153.419	1.111.391	-42.028	-03,6
Total	8.192.948	9.169.357	976.409	11,9

Fonte: MEC/INEP (2000/2004)

De acordo com os dados acima, é possível observar um aumento de 11,9% no número de matrículas do ensino médio, causado pela ampliação das redes estaduais, já que o número de matrículas nas redes federal, municipal e privada sofreram um decréscimo. Observamos que foi a rede municipal, em termos de números absolutos, que sofreu a maior redução no número de matrículas, enquanto que a rede privada, tantos em termos percentuais quanto em números absolutos, foi a que sofreu menor redução, podendo-se afirmar que, praticamente, manteve-se com número de matrículas inalteradas nesse período.

No município de Fortaleza – CE, de acordo com os resultados finais do Censo Escolar, promovido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP, temos a seguinte tabela de matrículas no ensino médio:

Tabela 2
Distribuição das matrículas no ensino médio, no município de Fortaleza,
por instância administrativa – 2000 a 2005

Ano	Rede	2000	2001	2002	2003	2004	2005
	Estadual	75.834	81.721	95.078	105.601	108.955	115.714
	Federal	2.380	2.071	1.807	1.610	1.357	1.302
	Municipal	816	772	689	877	821	584
	Privada	39.841	41.042	40.702	40.118	38.875	35.336
	TOTAL	118.871	125.606	138.276	148.206	150.008	152.936

Fonte: MEC/INEP. Censo Educacional 2000, 2001, 2002, 2003, 2004.

De acordo com os dados da tabela anterior, a situação do ensino médio em Fortaleza é muito semelhante ao quadro nacional, com ampliação expressiva das matrículas na rede estadual, redução significativa nas redes federal e municipal (com maior força na primeira) e pequena redução na rede privada, embora, aqui, o número seja mais expressivo que no nível nacional, pois, embora tenha ocorrido um pequeno aumento de matrículas nos anos de 2001 a 2003, chega a 2005 com índices mais baixos que o ano base 2000 (11,3% contra 3,6%).

O MEC avalia que as razões para este crescimento do ensino médio devem ser encontradas na ampliação da oferta e na melhoria do ensino fundamental, que resultou na queda dos índices de repetência e evasão. Considera ainda as novas exigências do mundo produtivo como um outro fator que tem trazido de volta à escola um contingente significativo que dela estava afastado. Contudo, o próprio MEC reconhece que houve uma explosão desordenada do ensino médio público, que foi obrigado a crescer ocupando espaços ociosos do ensino fundamental. Desta forma, o ensino médio vem sendo realizado em condições bastante precárias e sem condições físicas e pedagógicas condizentes².

Assim, ao mesmo tempo em que há essa busca pela escolarização, assistimos também ao descaso com que a educação pública vem sendo tratada no país. Sampaio (2004), em seus estudos, questiona a reconfiguração das funções desempenhadas pela escola pública, especialmente nas metrópoles, face às novas demandas sociais, que a fazem depositária de múltiplas expectativas, como a maior proteção aos alunos e apoio às famílias no enfrentamento da violência, a satisfação de necessidades de lazer da população de seu entorno, a realização de projetos criados por organizações não-governamentais, acarretando crescente secundarização e mesmo obscurecimento de seu trabalho mais específico, relativo ao conhecimento, ao processo de ensinar e fazer aprender - ferramentas básicas para compreender este mundo.

Com sua função específica – o processo de ensinar e fazer aprender – secundarizada, parcela daqueles pais pertencentes à classe popular, que antes mantinham seus filhos na escola pública de nível médio, passaram a acreditar que a saída à desclassificação seria a escola privada. Desta forma, mesmo com reduzido capital econômico, estas famílias passaram a sacrificar-se sobremaneira para matricular

² Os desafios da inclusão. Disponível em www.mec.gov.br/semtec

e manter seus filhos na escola privada de nível médio, pois a escolarização formal é ainda por eles considerada como instrumento que possibilitaria superar as barreiras de classe.

CAPÍTULO 2

TRAJETÓRIAS SINGULARES

Nas últimas décadas, os acontecimentos relacionados às transformações no contexto social, político e educacional (tais como o prolongamento da escolaridade e o aumento das taxas de desemprego, especialmente entre os jovens), as mudanças no campo da sociologia com a recomposição da problemática das desigualdades de escolarização entre classes sociais, como também a uma renovação nas pesquisas, contribuíram, para que os estudantes ocupassem um novo lugar nos estudos sociológicos da educação. Dessa renovação, destacam-se estudos voltados para os processos escolares, envolvendo, entre outras questões, as estratégias familiares de escolarização, as variações nas configurações escolares entre grupos sociais e no interior de um mesmo grupo.

Zago (2006, p. 226) cita, entre os trabalhos produzidos nesta direção, algumas tendências de pesquisa que elegem a problemática do estudante universitário de origem popular.

Nas últimas décadas, estudos no campo da sociologia da educação produzidos no Brasil e no exterior vêm fornecendo indicadores teóricos importantes para problematizar o que tem sido chamado “longevidade escolar”, casos “atípicos” ou “trajetórias excepcionais” nos meios populares. Trata-se de uma linha inovadora, haja vista ser relativamente recente na disciplina o interesse pelos casos que fogem à tendência dominante, voltada para o chamado fracasso escolar nesses meios sociais.

Zago (2006) cita alguns exemplos dessas contribuições. Dente eles destacamos a produção estrangeira de Lahire (1997) e Laureans (1992), e no Brasil, os trabalhos de Zago, Romanelli, Nogueira, M. A (2000); Viana (1998); Silva (2003). Parte desta produção define-se, mais explicitamente, na linha de investigação da relação família-escola e na busca de explicações dos processos que possibilitam aos jovens o rompimento com a tradição freqüente em seu meio de origem: uma escolaridade de curta duração. O interesse destes estudos volta-se para outros elementos constitutivos de trajetórias bem-sucedidas, como por exemplo, as práticas dos pais no processo de escolarização dos filhos (Zago, 2006; p. 227).

O estudo de Lahire (1997), por exemplo, trata das possibilidades de sucesso escolar de crianças pertencentes a famílias dos meios populares de Lyon. Embora as relações sócio-afetivas não assumam papel relevante na pesquisa, ainda assim Lahire aponta, mesmo que tangencialmente e em situações específicas, a importância deste vínculo entre pais e filhos para o seu bom desempenho escolar:

O apoio moral, afetivo, simbólico se mostra tanto mais importante quanto sejam pequenos os investimentos familiares (por exemplo, o caso de pais analfabetos). Ele possibilita à criança sentir-se investida de uma importância exatamente por aqueles de quem ela está em via de separar-se (1997, p. 172).

Nessa mesma linha de problematização, identificaram-se pesquisas com universitários moradores da favela, cujo objetivo foi conhecer que elementos motivam estes jovens a desenvolver estratégias integradoras que se contrapõem ao processo de exclusão. Observam Mariz, Fernandes e Batista (1999, p. 324-325) que

o aparecimento desses universitários indica uma tendência de mudança nas favelas, e que o perfil desses indivíduos e sua visão de mundo pode ajudar a entender que mudança é essa, que fatores contribuem para ela e que direção parece estar tomando.

Nesse sentido, concordam que estudar esses casos, identificando “o que permite alguns fugir ao círculo vicioso que leva à exclusão e à marginalidade, pode ser tão ou mais útil para propostas de políticas sociais quanto apontar esse círculo vicioso” (1999, p 324-325).

A constatação de que “existe um grupo de estudantes pobres e muito pobres que estão conseguindo ultrapassar barreiras ao longo de suas trajetórias escolares, ingressar e permanecer nas universidades públicas” (Bori & Durham, 2000, p. 41) deve ser acompanhada de estudos que permitam conhecer as reais condições desta escolarização. Esta tendência remete à pesquisa sociológica voltada para a condição do aluno universitário, linha identificada nos estudos de Zago (2006).

De acordo com Zago, a reduzida representatividade no ensino superior por parte dos habitantes da favela pode igualmente ser verificada entre a população incluída nos níveis mais baixos de renda.

Não se está falando, portanto, de “minorias”, mas de uma grande maioria excluída do sistema de ensino superior brasileiro, sobretudo se considerarmos que na faixa etária de 18 a 24 anos apenas 9% freqüenta esse nível de ensino, um dos percentuais mais baixos do mundo, mesmo entre os países da América Latina. A expansão quantitativa do ensino superior brasileiro não beneficiou a população de baixa renda, que depende essencialmente do ensino público. A universidade pública expandiu-se no período compreendido entre 1930 e 1970, mas desse período até os dias atuais as políticas mercantilistas do ensino superior fortaleceram o setor privado, que hoje detém aproximadamente 90% das instituições e 70% do total de matrículas (INEP, 2004; p. 8-19). A ampliação do número de vagas foi considerável nos últimos anos, mas sua polarização no ensino pago não reduziu as desigualdades entre grupos sociais (2006; p. 227-228).

Com relação à questão da trajetória singular de alunos concluintes do ensino médio, objeto de interesse deste estudo, foi possível constatar estudos como o de Zago (2002, 2006), que há vários anos desenvolve pesquisas sobre escolarização nos meios populares, voltadas especialmente para as trajetórias escolares no ensino fundamental e médio e, mais recentemente, no ensino superior. Suas pesquisas chegam à conclusão que a presença das camadas populares no ensino superior não oculta as reais diferenças sociais dos estudantes. Os resultados das pesquisas indicam efeitos dessas diferenças verificados na composição social dos cursos e no exercício da vida acadêmica, nas suas mais variadas dimensões.

Como nosso estudo volta-se para análise de trajetórias singulares de famílias pertencentes a uma determinada fração da classe popular que adotam estratégias específicas, comuns nas classes médias, consideramos importante destacar, também, os estudos de grupos de pesquisas que procura examinar e discutir o modo como as famílias de classe média mobilizam-se para que seus filhos obtenham um diploma de cursos superior. Neste grupo, podemos citar Almeida, Nogueira, Prado (2000); Foracchi, (1965); Nogueira M.A, (1995, 1998); Romanelli, (1986, 1995).

Segundo Romanelli, para se apreender como as famílias das camadas médias pensam a escolarização dos filhos, é necessário examinar a relação família/escola, pois, de um modo geral, a família é unidade de reprodução social, e como tal, tem “um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais” (Bourdieu, 1996; p. 131, apud Romanelli 2000; p.104).

A reprodução social como processo de transmissão da herança familiar para os filhos ocorre através da difusão de diversos tipos de capital – simbólico, econômico,

cultural, social. Nesse sentido, “a família permanece um dos lugares de acumulação, de conservação e de reprodução de diferentes tipos de capital” (Bourdieu, 1996, p. 177).

Para fazer a análise destas trajetórias singulares em nosso estudo, faz-se necessário recorrer aos estudos teóricos de Pierre Bourdieu, sociólogo francês que, segundo Nogueira e Nogueira (2002, p.16), teve o mérito de formular, a partir dos anos 60, uma resposta original, abrangente e bem fundamentada, teórica e empiricamente, para o problema das desigualdades escolares, oferecendo-nos um novo modelo de interpretação da escola e da educação.

Sua obra é resultado de inúmeras pesquisas empíricas realizadas no sistema escolar francês. Ainda segundo Nogueira e Nogueira, uma das teses centrais da sociologia da educação de Bourdieu é a de que

os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos que trazem, em larga medida incorporada, uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar. O grau variado de sucesso alcançado pelos alunos ao longo de seus percursos escolares não poderia ser explicado por seus dons pessoais – relacionados à sua constituição biológica ou psicológica particular –, mas por sua origem social, que os colocaria em condições mais ou menos favoráveis diante das exigências escolares (Nogueira e Nogueira, 2002, p.18).

Bourdieu nos oferece um novo modelo de interpretar a educação e a escola. Até então “supunha-se que através da escola pública e gratuita seria resolvido o problema do acesso à educação e, assim, garantida, em princípio, a igualdade de oportunidades entre os cidadãos” (Nogueira e Nogueira; 2006, p.12). A escola seria, nessa perspectiva, uma instituição neutra, que difundiria um conhecimento racional e objetivo e que selecionaria seus alunos com base em critérios racionais.

O que ocorre nos anos 60 é uma profunda crise desta concepção de escola. Sobre esta crise, Nogueira e Nogueira nos diz, em primeiro lugar,

que a partir dos anos 50, a divulgação de uma série de grandes pesquisas quantitativas patrocinadas pelos governos inglês, americano e francês que em resumo, mostraram de forma clara, o peso da origem social sobre os destinos escolares [...]. A partir deles, tornou-se imperativo reconhecer que o desempenho escolar não dependia apenas, tão simplesmente, dos dons individuais, mas da origem social dos alunos (classe, etnia, sexo, local de moradia, etc). Em segundo lugar, a mudança no olhar sobre a educação nos anos 60 está relacionada a certos efeitos inesperados da massificação de ensino. Assim, deve-se considerar o progressivo sentimento de frustração dos estudantes, particularmente os franceses, com o caráter autoritário e elitista do sistema educacional

e com o baixo retorno social e econômico auferido pelos certificados escolares no mercado de trabalho (2006; pp.13,14).

Bourdieu propõe então, um novo modelo de escola que, pelo menos num primeiro momento, segundo Nogueira e Nogueira (2006; p. 14), “pareceu ser capaz de explicar tudo o que a perspectiva anterior não conseguia. A frustração dos jovens das camadas médias e populares diante das falsas promessas do sistema de ensino converte-se em uma evidência a mais que corrobora as novas teses propostas por Bourdieu”. Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais.

Resumidamente, as reflexões de Bourdieu sobre a escola é que esta não seria “uma instituição neutra que transmitiria uma forma de conhecimento superior às outras formas de conhecimento, e que avaliaria os alunos com base em critérios universalistas; mas, ao contrário, ela é concebida como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes” (Nogueira e Nogueira; 2006; p. 83).

Sua Sociologia segue alguns conceitos chaves. Em seguida, analisaremos alguns dos conceitos desenvolvidos por este autor – notadamente os de habitus, espaço social e capital (econômico, cultural, social) – buscando evidenciar o modo como eles servem na construção de uma sociologia renovada.

- **Elementos centrais da Sociologia de Pierre Bourdieu**

Segundo Nogueira e Nogueira (2006; p.23),

umas das possibilidades de se interpretar a obra de Bourdieu consiste em concebê-la como orientada por um desafio teórico central: constituir uma abordagem sociológica capaz de superar, simultaneamente, as distorções e os reducionismos associados ao que ele chama de formas subjetivistas e objetivistas de conhecimento, ou seja, por um lado, evitar que a Sociologia restrinja-se tomando-o como independente, ao plano da experiência e consciência prática imediata dos sujeitos, às percepções intenções e ações dos membros da sociedade, e, por outro, que ela se atenha exclusivamente ao plano das estruturas objetivas, reduzindo a ação a uma execução mecânica de determinismos estruturais reificados.

Bourdieu (1983) nos diz que é possível conhecer o mundo social de três formas: fenomenológica, objetivista e praxiológica. O primeiro, restringir-se-ia, segundo o

autor, a captar a experiência primeira do mundo social, tal como vivida cotidianamente pelos membros da sociedade. Tal enfoque, por não considerar o caráter socialmente condicionado das atitudes e comportamentos individuais, contribui para uma concepção ilusória do mundo social e do sujeito, a quem atribui excessiva autonomia e consciência, quanto à condução de suas ações e interações.

Em contraposição ao subjetivismo, o conhecimento objetivista caracteriza-se pela ruptura que promove em relação à experiência subjetiva imediata. Essa experiência seria entendida como estruturada por relações objetivas que ultrapassam o plano da consciência e intencionalidade individuais. Nogueira e Nogueira nos dizem que,

Por um lado como sugerem suas críticas ao subjetivismo, Bourdieu considera legítima e necessária essa ruptura com a experiência imediata promovida pelo objetivismo. Essa ruptura seria a condição primeira para um conhecimento científico do mundo social [...] Por outro lado, no entanto, o objetivismo implicaria certos riscos bastante sérios. Fundamentalmente Bourdieu mostra-se preocupado com a dificuldade do objetivismo de construir uma teoria da prática, ou seja, de explicar como se dá a articulação entre os planos da estrutura e da ação [...] Em poucas palavras, o conhecimento objetivista não forneceria instrumentos conceituais adequados para se compreender a mediação entre estrutura e prática. A prática seria apresentada como decorrência direta, mecânica, da estrutura, tal como definida pelo sociólogo. Os mecanismos ou processos intervenientes nessa passagem da estrutura para a prática não seriam suficientemente explicitados. (2006; p.25, 26)

Por fim, Bourdieu nos fala sobre o terceiro tipo de conhecimento, chamado praxiológico. Segundo Nogueira e Nogueira (2006; p.26), este tipo de conhecimento chamado praxiológico é apresentado e definido por Bourdieu como uma alternativa capaz de solucionar os problemas do subjetivismo e do objetivismo. Nos termos do autor (1983; p.47),

Esse tipo de conhecimento “tem como objeto não somente o sistema de relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas, nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las”. O conhecimento praxiológico não se restringiria a identificar estruturas objetivas externas aos indivíduos, tal como o faz o objetivismo, mas buscaria investigar como essas estruturas encontram-se interiorizadas nos sujeitos constituindo um conjunto estável de disposições estruturadas que, por sua vez, estruturam as práticas e as representações das práticas. Essa forma de conhecimento buscaria apreender, então, a própria articulação entre o plano de ação ou das práticas subjetivas e o plano das estruturas, ou, como repetidamente refere-se o autor, o processo de “interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade”. (apud Nogueira e Nogueira; 2006; p.26)

Ainda segundo Nogueira e Nogueira (2006; p. 27), a questão fundamental de Bourdieu é a de como entender o caráter estruturado ou ordenado das práticas sociais sem cair, por um lado, na concepção subjetivista segundo a qual essas práticas seriam organizadas autônoma, consciente e deliberadamente pelos sujeitos sociais, e por outro, na perspectiva objetivista, que as reduziria à execução mecânica de estruturas externas e reificadas.

Para resolver essa questão, Bourdieu afirma

que seria necessário e suficiente ir do opus operatum ao modus operandi, da regularidade estatística ou da estrutura algébrica ao princípio de produção dessa ordem observada”. A esse princípio de produção, incorporado nos próprios sujeitos, Bourdieu denomina “habitus”, entendido como sistema de disposições duráveis estruturadas de acordo com o meio social dos sujeitos e que seriam “predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações (Bourdieu, 1983; p. 61 apud Nogueira e Nogueira 2006; p. 27)

O conceito de habitus seria, assim, a ponte, a mediação entre as dimensões objetiva e subjetiva do mundo social, ou simplesmente, entre a estrutura e a prática.

Para Nogueira e Nogueira (2006; 29), é importante, então, observar

que o conceito de habitus desempenha, na obra de Bourdieu, o papel de elo articulador entre três dimensões fundamentais de análise: a estrutura das posições objetivas, a subjetividade dos indivíduos e as situações concretas de ação. É por meio dele que Bourdieu acredita superar os inconvenientes do subjetivismo e objetivismo. A posição de cada sujeito na estrutura das relações objetivas proporcionaria um conjunto de vivências típicas que tenderiam a se consolidar na forma de um habitus adequado à sua posição social. Esse habitus, por sua vez, faria com que esse sujeito agisse nas mais diversas situações sociais, não como um indivíduo qualquer, mas como um membro típico de um grupo ou classe social que ocupa uma posição determinada nas estruturas sociais. Ao agir dessa forma, finalmente, o sujeito colaboraria, sem o saber, para reproduzir as propriedades de origem e a própria estrutura das posições sociais na qual ele foi formado.

Bourdieu formulou também, a partir de suas investigações, os conceitos de *capital cultural e capital social*. O primeiro foi formulado

para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classes. (Bourdieu, 1998; p. 73)

Ainda segundo o autor, o capital cultural existe sob três formas: a) no estado incorporado – sua acumulação está ligada ao corpo, exigindo incorporação, que demanda tempo e pressupõe um trabalho de inculcação e assimilação. Esse tempo necessário deve ser investido pessoalmente pelo receptor; b) no estado objetivado – sob a forma de bens culturais (quadros, livros, dicionários) transmissíveis de maneira relativamente instantânea; c) no estado institucionalizado – consolidando-se nos títulos e certificados escolares.

Cabe desde já observar, segundo Nogueira e Nogueira (2002, p.21), que do ponto de vista de Bourdieu,

o capital cultural constitui (sobretudo, na sua forma incorporada), o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar. A sociologia da educação de Bourdieu se notabiliza, justamente, pela diminuição que promove do peso do fator econômico, comparativamente ao cultural, na explicação das desigualdades escolares. Em primeiro lugar, a posse de capital cultural favorecerá o desempenho escolar na medida em que facilitará a aprendizagem dos conteúdos e códigos escolares. As referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (cultos, apropriados) e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitarão o aprendizado escolar na medida em que funcionarão como uma ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar. A educação escolar, no caso das crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos, será uma espécie de continuação da educação familiar, enquanto para as outras crianças significará algo estranho, distante, ou mesmo ameaçador.

Desta forma, o capital cultural constitui um elemento muito forte na garantia de êxito escolar, pois o nível cultural global do grupo familiar mantém estreita relação com o êxito escolar da criança. No entanto, ao analisar as vantagens e desvantagens culturais, é necessário levar em conta não apenas o nível cultural do pai e da mãe, mas também os dos antecedentes e do conjunto dos membros da família extensa, bem como o do local de residência. Segundo Bourdieu,

uma análise multivariada, levando em conta não somente o nível cultural do pai e da mãe, o dos avós maternos e paternos e a residência no momento dos estudos superiores e durante a adolescência, mas também um conjunto de características do passado escolar, como, por exemplo, o ramo do curso secundário (clássico, moderno ou outro) e o tipo de estabelecimento (colégio ou liceu, instituição pública ou privada), permite explicar quase inteiramente os diferentes graus de êxito obtidos pelos diferentes subgrupos definidos pela combinação desses critérios; e isso sem apelar, absolutamente, para as desigualdades inatas. (1998; p.43)

Já o conceito de capital social, é para Bourdieu,

o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. [...] O volume do capital social que um agente individual possui depende da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado. (Bourdieu, 1998, p.67),

Bourdieu escreve ainda que a reprodução do capital social é tributária de instituições que visam favorecer as trocas legítimas e excluir as trocas ilegítimas, produzindo ocasiões, lugares ou práticas que reúnem de maneira aparentemente fortuita, indivíduos tão homogêneos quanto possível, sob todos os aspectos pertinentes do ponto de vista da existência e pertinência do grupo.

A existência desta rede de relações não é, segundo Bourdieu,

um dado natural, nem mesmo um dado social, constituído de uma vez por todas e para sempre por um ato social de instituição; mas o produto do trabalho de instauração e de manutenção que é necessário para produzir e reproduzir relações duráveis e úteis aptas a proporcionar lucros materiais e simbólicos. A reprodução do capital social também é tributária do trabalho de sociabilidade, série contínua de trocas onde se afirma e reafirma incessantemente e que supõe, além de uma competência específica e de uma disposição adquirida para obter e manter essa competência, um dispêndio constante de tempo e esforços e também, muito freqüentemente, de capital econômico. (Bourdieu; 1998, p.68),

Outro aspecto a ser considerado é a familiaridade com o sistema escolar, que permite aos pais formularem estratégias para melhor encaminhamento escolar de seus filhos. Desta forma, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais estarão contribuindo para que alunos de determinadas classes sociais tenham maiores chances de sucesso na escola, isto porque a cultura de elite é muito próxima da cultura escolar e o acesso às informações sobre o mundo escolar, das melhores escolas e cursos, é facultada, principalmente, aos mais abastados.

Ainda segundo Bourdieu (1998), a cultura escolar que consagra a cultura das classes dominantes como universal e a legítima como superior e neutra, conseqüentemente, privilegia os alunos provenientes dessas classes, até mesmo no momento da escolha do melhor curso, da melhor escola.

Sendo assim, percebe-se uma estreita relação entre capital cultural, capital social e capital econômico. O capital social e o capital econômico auxiliam na ampliação do cultural, na medida em que facilitam o acesso aos bens culturais e às melhores escolas. Para Bourdieu (1998; p. 45), “em todos os domínios da cultura, teatro, música, pintura, jazz, cinema, os conhecimentos dos estudantes são tão mais ricos e extensos quanto mais elevada é a sua origem social”. No entanto, o autor também afirma que “o rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família e que o rendimento econômico e social do certificado depende do capital social – também herdado – que pode ser colocado a seu serviço” (1998; p.74).

Nogueira e Nogueira (2002) nos dizem que Bourdieu distingue frequentemente três conjuntos de disposições e de estratégias de investimento escolar que seriam adotadas tendencialmente pelas classes populares, classes médias (ou pequena burguesia) e elite. Cada grupo social, de acordo com as suas condições objetivas, exclui a possibilidade de desejar o impossível e cria estratégia de investimento escolar de acordo com as possibilidades reais. Com relação às estratégias adotadas pela classe popular – grupo de interesse deste estudo – com limitações econômicas e culturais, tenderia a investir de modo moderado no sistema de ensino:

a vida escolar dos filhos não seria acompanhada de modo muito sistemático e nem haveria uma cobrança intensiva em relação ao sucesso escolar. As aspirações escolares deste grupo seriam moderadas. Esperar-se-ia dos filhos que eles estudassem apenas o suficiente para se manter (o que, normalmente, dada a inflação dos títulos, já significa, de qualquer forma, alcançar uma escolarização superior à dos pais) ou se elevar ligeiramente em relação ao nível socioeconômico dos pais. Essas famílias tenderiam, assim, a privilegiar as carreiras escolares mais curtas, que dão acesso mais rapidamente à inserção profissional (2002; p. 24).

Assim, essas famílias tenderiam a investir pouco na carreira escolar de seus filhos, pois o retorno do investimento e as chances reais de ascensão não estão garantidas.

Com relação às estratégias adotadas pela classe média, Nogueira e Nogueira nos dizem que

as classes médias ou pequena burguesia tenderiam a investir pesada e sistematicamente na escolarização dos filhos. Esse comportamento se explicaria, em primeiro lugar, pelas chances objetivamente superiores (em comparação com as

classes populares) dos filhos das classes médias alcançarem o sucesso escolar. As famílias desse grupo social já possuiriam um volume razoável de capitais que lhes permitiria apostar no mercado escolar sem correr tantos riscos. Para Bourdieu, no entanto, o comportamento das famílias das classes médias não pode ser explicado apenas pelas chances comparativamente superiores dos filhos dessas famílias alcançarem o sucesso escolar. Bourdieu observa que é necessário considerar, igualmente, as expectativas quanto ao futuro sustentadas por esses grupos sociais. Originárias, em grande parte, das camadas populares e tendo ascendido às classes médias por meio da escolarização, as famílias de classe média nutririam esperanças de continuarem sua ascensão social, em direção às elites. Todas as condutas das classes médias poderiam ser entendidas, então, como parte de um esforço mais amplo com vistas a criar condições favoráveis à ascensão social.[...] As famílias de classe média – particularmente aquelas originárias das camadas populares e que detêm, portanto, um limitado capital cultural – empreenderiam um série de ações (compra de livros freqüência a eventos culturais, etc.) com vistas à aquisição de capital cultural. (2002; p. 24-25)

Com relação às estratégias adotadas pela elite, Bourdieu nos fala que este grupo tenderia a investir na escola de uma forma mais diletante e descontraída. Segundo Bourdieu, as condições objetivas, configuradas na posse de um volume expressivo de capitais econômicos, sociais e culturais, tornariam o fracasso escolar bastante improvável (Nogueira e Nogueira; 2006; p. 82).

Ainda segundo Nogueira e Nogueira (2002), essa análise de Bourdieu, centrada no conceito de classe social, tem sido criticada por pelo menos duas razões principais. Em primeiro lugar, uma série de pesquisas tem acentuado que a categoria classe social não seria suficiente como critério de diferenciação dos grupos familiares, segundo suas práticas escolares. Mesmo a divisão em frações de classes, utilizada largamente pelo próprio Bourdieu, seria por demais abrangente para captar certas diferenças entre as famílias.

Um segundo problema apontado pelos críticos na teoria das classes sociais de Bourdieu diz respeito aos processos de formação e de transmissão do *habitus* familiar. Esse *habitus* não seria formado necessariamente na direção que se poderia imaginar, dadas às condições objetivas, e nem seria transmitido aos filhos de modo automático. Lahire (1997) observa que é necessário estudar a dinâmica interna de cada família, as relações de interdependência social e afetiva entre seus membros, para se entender o grau e o modo como os recursos disponíveis (os vários capitais e o *habitus* incorporado dos pais) são ou não transmitidos aos filhos. A tese central subentendida no argumento de Lahire é, segundo Nogueira e Nogueira, que a experiência de vida de um sujeito

particular dificilmente pode ser deduzida do seu pertencimento a uma única coletividade ou do fato de estar inserido numa posição específica da estrutura social. Cada indivíduo possuiria uma história social particular e lidaria, a cada momento, com um conjunto específico de vínculos sociais que fariam com que ele constituísse um quadro diferenciado de disposições e agisse de forma singular diante das situações de ação (2006; p. 110).

Nessas circunstâncias, o acesso aos vários níveis do sistema educacional depende da origem socioeconômica dos estudantes, o que coloca em pauta as condições econômicas e culturais da família, como também de singularidades e particularidades desenvolvidas pelas famílias visando à continuidade dos estudos.

Como a população a ser analisada neste estudo não constitui um universo social homogêneo, havendo segmentos diversos em seu interior, seja em função das condições socioeconômicas, seja devido ao capital cultural que dispõem, seus integrantes irão desenvolver práticas específicas, objetivando o sucesso escolar de seus filhos.

CAPÍTULO 3

AS TRAJETÓRIAS SINGULARES DE ALUNOS DA CLASSE POPULAR QUE CURSARAM ENSINO MÉDIO EM ESCOLA PRIVADA

Para apresentar os dados principais colhidos, organizamos o presente capítulo que detalha os procedimentos utilizados, bem como expõe os resultados da pesquisa realizada.

3.1. A entrevista

Para atender ao objetivo deste estudo, que pretendeu analisar as trajetórias singulares de famílias pertencentes a uma determinada fração da classe popular que adotaram estratégias específicas, comuns nas classes médias, visando à continuidade dos estudos de seus filhos em nível superior ou uma melhor colocação no mercado de trabalho, tendo como fundamento teórico os conceitos de capital cultural e capital social de Pierre Bourdieu (1998), utilizamos entrevistas semi-estruturadas, como procedimento de coleta de dados, realizadas com os alunos concludentes do ensino médio, em instituição privada de ensino, do ano de 2004.

O universo trabalhado foram alunos egressos do ensino médio de um Colégio particular, situado na periferia da cidade de Fortaleza – CE. Denominaremos, nesta pesquisa, a referida instituição de Colégio Alfa³. Inicialmente, realizou-se um levantamento dos alunos que concluíram o ensino médio no ano de 2004 e, posteriormente, selecionamos 06 destes alunos para realização das entrevistas.

Os critérios adotados para seleção da entrevista foram:

- 1) Três alunos que concluíram o Ensino Fundamental em Escola pública e o Ensino Médio em Instituição Privada e
- 2) Três alunos que concluíram o Ensino Fundamental e Médio em Instituição Privada.

Além deste critério, consideramos também a disponibilidade do entrevistado, bem como a participação voluntária.

³ Colégio Alfa: nome fictício dado à instituição de ensino em que foi realizada a pesquisa. Todos os alunos pesquisados concluíram a última série do ensino médio na referida instituição.

No ano de 2004 concluíram o Ensino Médio, nesta instituição, um total de 104 alunos. Deste total, 53% cursaram o Ensino Fundamental II e Médio na referida instituição; 23% cursaram o Ensino Fundamental em escola pública e o Ensino Médio no Colégio Alfa; 18% estudaram em outras Escolas particulares no Ensino Fundamental e no Colégio Alfa durante o Ensino Médio e 6% teve sua trajetória escolar alternada entre Escola pública e privada.

Após a seleção dos alunos, realizamos as entrevistas, num total diferenciado dependendo da situação de cada aluno. As entrevistas semi-estruturadas foram sempre gravadas e transcritas. Os temas gerais tratados foram os seguintes:

- 1) A trajetória escolar do entrevistado;
- 2) A trajetória ocupacional do entrevistado;
- 3) A caracterização sócio-econômica e cultural dos pais e sua influência na continuidade ou não dos estudos em nível superior;
- 4) Expectativas da família e projetos pessoais dos sujeitos entrevistados.

Os entrevistados pertenciam a uma mesma região geográfica (moradores do bairro e adjacências) e estabeleceram entre si relações de convivência no espaço escolar durante sua trajetória de estudante. Alguns destes alunos permanecem amigos até hoje, outros perderam o contato e, por ocasião da entrevista, ficaram entusiasmados com a possibilidade de revê-los. Cada entrevista guardou sua peculiaridade, tornando possível verificar práticas específicas seguidas por cada um, que foram determinantes ou não para a continuidade dos estudos em nível superior ou o ingresso imediato no mercado de trabalho.

Com relação à entrevista como procedimento de pesquisa adotado, Bourdieu nos convida a refletir e compreender o seu papel como instrumento metodológico de coleta de dados para pesquisa em ciências sociais, alertando-nos para seus efeitos, especialmente aqueles relacionados a interferências no universo e sujeitos pesquisados. Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é, em primeiro lugar, tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de *intrusão* sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca (1999, p. 695).

É importante ressaltar que o pesquisador deve atentar para seus atos procurando tornar a entrevista a mais próxima possível do limite da realidade, pois embora as pesquisas científicas não tenham a intenção de exercer qualquer forma de violência simbólica, essa muitas vezes se faz presente, mesmo que inconscientemente, talvez pelo desconhecimento dos efeitos que os diferentes tipos de relações podem produzir no momento da entrevista.

O fato de ter convivido no espaço escolar com estes alunos, quando então cursavam o último ano do ensino médio, parecia-me a princípio um aspecto positivo, pois acreditava conhecer um pouco da realidade de cada um, o que poderia facilitar a integração pesquisador-entrevistado na condução das entrevistas. No entanto, como afirma Charlot (2000, p. 15),

a característica do pesquisado é a de questionar a questão que lhe é feita, interrogar os termos nos quais ela é formulada. Deve desconstruir e reconstruir o objeto que lhe é proposto e a questão que lhe é submetida. Isto é muito difícil, tanto mais, que esse objeto parece amiúde evidente para o próprio pesquisador, o qual se vê preso, enquanto pessoa particular, nos desafios ideológicos que conferem uma aparente consistência ao objeto.

Os primeiros contatos foram realizados de forma muito agradável. Os pesquisados mostravam-se sempre alegres por retornar ao Colégio onde haviam estudado, mas, na hora da entrevista propriamente dita, percebi que não estavam totalmente à vontade para falar, ficavam um pouco receosos. Com o desenrolar das entrevistas, percebi que ficavam mais “soltos” e falavam sem medo.

As entrevistas realizaram-se no Colégio Alfa, local onde os alunos concluíram o Ensino Médio, com exceção de uma, que foi realizada na casa da entrevistada, pois como trabalhava o dia todo, não tinha tempo de comparecer ao Colégio. A escolha do local foi aceita unanimemente por todos, pois, para estes sujeitos, era uma oportunidade de rever o Colégio, bem como os funcionários e professores.

3.2. Eixos centrais dos conteúdos das entrevistas

- **Ambiente familiar** – neste eixo, reunimos os dados sobre a caracterização sócio-econômico-cultural da família, as formas de organização da família, bem como as relações sociais por ela travadas;
- **Relações sociais dos entrevistados** – neste eixo, verificamos quais as relações sociais travadas pelos entrevistados, tanto as que nasceram na família e que se tornaram mais intensas para eles, quanto de outros ambientes, como a vizinhança, os grupos de amizade e a escola;
- **Vida familiar** – este eixo abrangeu as relações travadas no ambiente familiar e o impacto destas relações nas trajetórias escolares seguidas pelos entrevistados. É dentro desta unidade social (a família) que a criança, inicialmente, desenvolverá sua personalidade, pois, como afirma Lahire (1997; p.17),

a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo, ou seja, os membros de sua família.

Assim, os jovens entrevistados falaram sobre sua vida escolar, as relações com o grupo de amigos, de professores, as dificuldades encontradas nos diferentes momentos deste percurso, podendo então revelar sua percepção sobre o funcionamento da escola, sua relação com os fracassos e sucessos vividos no ambiente escolar, bem como sua relação no ambiente familiar destacando as influências familiares de apoio, incentivo para o sucesso (ou não) na escola.

3.3 - Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos escolhidos para pesquisa são ex-alunos que concluíram o Ensino Médio no ano de 2004 em instituição privada de ensino, situada na periferia da cidade de Fortaleza – Ceará.

O Colégio Alfa, instituição onde foi realizada a pesquisa, está a 25 anos no bairro e funciona nos turnos manhã, tarde e noite, com as seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Supletivo do Ensino

Fundamental e Médio e Cursos preparatórios para Concursos. Especificamente, o Ensino Médio funciona nos turnos manhã e tarde.

Com relação às condições sociais dos entrevistados, classificamos como pertencentes a uma determinada fração da classe popular.

A classe popular é uma classe social presente no capitalismo moderno que se convencionou tratar como a que menos possui poder aquisitivo e é dona de um padrão de vida e de consumo baixo em relação às demais camadas da população, de forma a suprir suas necessidades de sobrevivência com dificuldade e muitas vezes impossibilitada de permitir-se formas variadas de lazer e entretenimento. É composta, principalmente, por trabalhadores manuais. Ressaltamos que a referente pesquisa visa analisar uma determinada fração desta classe, que diferencia-se dos demais componentes da mesma, por adotar estratégias comuns na classe média, como por exemplo, custear a escola privada de ensino médio para seus filhos, visando a uma possibilidade de melhor preparação para estes alunos no que diz respeito à continuidade dos estudos em nível superior ou melhor colocação no mercado de trabalho.

Os ex-alunos selecionados são moradores do bairro e adjacências. De acordo com os dados fornecidos pela secretaria do Colégio, constatamos, com relação à escolarização dos pais, que no ano de 2004, dos 104 alunos concludentes, apenas 12 % dos pais possuíam o ensino superior completo. As profissões mais comuns desenvolvidas pelos pais destes alunos eram: mecânico, eletro-eletrônico, comerciantes (do bairro), segurança, motoristas, taxistas, vendedores de loja, auxiliares de escritórios e autônomos e que a renda familiar destas famílias girava em torno de 3 a 6 salários mínimos.

Logo, entrevistamos seis sujeitos⁴, todos residentes do bairro e adjacências, que cursaram o ensino médio na referida Instituição e que freqüentaram as demais séries do ensino fundamental e médio nas seguintes instituições:

1) Daniel, Carolina e Ana - concluíram o Ensino Fundamental em Escola pública e o Ensino Médio em Colégio Particular;

2) Cláudio, Pedro e Márcia - concluíram o Ensino Fundamental e Médio em Colégio Particular.

⁴ Os nomes dos alunos entrevistados são fictícios.

Com relação ao bairro da Instituição pesquisada, está situado na periferia da cidade de Fortaleza. Sua população é de aproximadamente vinte e cinco mil habitantes. Gerado nas cercanias dos trilhos da Rede Ferroviária Federal, o bairro Alvorada tem sua população constituída, em sua maioria, por pessoas carentes, mas caracterizada pela grande qualidade de seus artesãos, costureiras e cozinheiras.

Possui em seu entorno um total de duas Escolas Estaduais (com Ensino Médio) e três Escolas particulares que oferecem Ensino Médio. As Escolas públicas contam com um total de, aproximadamente, 2.500 alunos matriculados no Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano), contra um total de, aproximadamente, 1.000 alunos das Escolas particulares.

3.4. As trajetórias singulares

As entrevistas foram sempre gravadas em áudio e transcritas. Realizamos também anotações sobre a maneira como a entrevista se desenvolveu bem como a forma de como o sujeito narrou os fatos.

Assim, apresentamos a seguir os dados que puderam ser colhidos para a compreensão do contexto familiar, social e escolar que parecem ter exercido influência significativa em sua vida.

Incluímos, também, quadros síntese sobre os principais dados sobre as características familiares e da escolarização de cada um dos alunos entrevistados.

3.4.1. Daniel

A entrevista com Daniel ocorreu como as demais, no Colégio Alfa. Ele cursou todo o ensino médio neste Colégio, como também estagiou no Laboratório de Informática, custeando sua mensalidade. Após seis meses de estágio, foi incorporado ao quadro de funcionários e permaneceu por mais um ano, quando foi aprovado na seleção de uma empresa na área de informática. O primeiro encontro ocorreu em março de 2007, e trouxe grande satisfação para o entrevistado, pois guardava boas e carinhosas recordações do tempo em que estudava e trabalhava nesta Instituição. Inicialmente expliquei-lhe o motivo da entrevista, bem como o motivo dele ter sido selecionado dentre os concludentes de turma de 2004. A conversa fluiu tranqüilamente, sempre

demonstrando interesse do entrevistado em fornecer os dados com grande autenticidade. Daniel é desinibido, o que facilita o diálogo, tem organização das idéias e as transmite com facilidade. O único empecilho foi o tempo. Com seu horário de trabalho “apertado”, dispôs apenas de seu horário de almoço para a entrevista. Mas disponibilizou-se para fornecer outros dados sempre que necessário, o que de fato ocorreu em junho do mesmo ano, devido à necessidade de coletar novos dados. Em junho, ele retornou ao Colégio e como sempre, muito atencioso, nos deu a oportunidade de realizar nova entrevista para coletar dados mais precisos de sua escolaridade.

A segunda entrevista foi realizada com mais tranquilidade, pois o mesmo estava liberado, por motivos pessoais, do trabalho. Então, chegou por volta das 15 horas no Colégio e teve a oportunidade de rever funcionários, professores e diretores. Impressionou-me a alegria de alguns professores e dos diretores em revê-lo. Daniel era um aluno e funcionário muito querido por todos da Instituição. E o fato dele ter dado continuidade aos estudos, ao trabalho e, especialmente, à carreira que tanto almejava, parece ter causado muita satisfação a todos. Ele, quando aluno, e mesmo quando funcionário, comentava da dificuldade de seguir sua carreira, pois a área tecnológica era uma área com custo muito elevado, o que até mesmo tornou quase inviável adquirir, por exemplo, seu próprio computador.

O terceiro contato com Daniel foi realizado por e-mail, apenas para coletar alguns dados que ainda estavam pendentes. Deixou mais uma vez clara sua disponibilidade em colaborar, caso houvesse a necessidade de um novo contato.

3.4.5.1) Eixos das entrevistas

a) Capital cultural de origem

Quadro 1 – Características Sócio-familiares

Dados	Daniel
Idade	21
Local de Nascimento	Fortaleza – Ce
Estado Civil	Solteiro
Posição de nascimento	Mais novo dos de 3 irmãos
Filhos	Não
Local de Residência	Bairro Nossa Senhora das Graças, zona periférica de Fortaleza
Numero de pessoas que moram na	5

residência	
Renda Familiar Total (aproximada)	Entre 4 e 5 salários
Pai: idade, escolaridade e profissão	Idade: 51 Profissão: motorista Escolaridade: 6ª série do ensino fundamental I
Mãe: idade, escolaridade e profissão	Idade: 50 Profissão: dona de casa (nunca trabalhou) Escolaridade: 3ª série do ensino fundamental I

Daniel mora em um dos bairros mais problemáticos de Fortaleza, com infraestrutura bem abaixo dos níveis recomendáveis pela Organização Mundial de Saúde. Este Bairro situa-se próximo à praia e agrega uma das maiores favelas de Fortaleza, bem como um dos maiores pontos de drogas da cidade. No Bairro, algumas ruas são asfaltadas e algumas casas contam com água encanada, luz elétrica e esgoto. Mas, segundo relata o entrevistado, no caminho de sua casa podemos encontrar muita sujeira, esgoto a céu aberto, que exalam mau cheiro pelas ruas. As casas são bastante simples e com construções precárias.

Daniel iniciou seus estudos em uma creche comunitária do seu bairro. Coursou todo o Ensino Fundamental em instituição pública, característica natural dos moradores do seu bairro, onde as condições financeiras não permitem, na grande maioria dos casos, sequer pensar em custeá-los em instituição privada.

Seu pai era motorista e cursou até a 6ª série do E. Fundamental. Sua mãe sempre foi dona de casa, de tal maneira que nunca conheceu o mercado de trabalho. A grande influência que teve para continuidade dos estudos partiu de seus amigos, pois seu pai só entendia de mecânica e de dirigir ônibus: *“Mas eles sempre me incentivaram da maneira deles”*.

A expectativa que sua família tinha com a conclusão do Ensino Médio era que após a conclusão do mesmo, Daniel deveria trabalhar:

Meus pais queriam que eu terminasse o Ensino Médio e fosse trabalhar.

Assim, parece que a decisão de cursar escola privada não foi uma iniciativa espontânea da família.

b) Relações sociais

A grande influência para uma mudança de perspectiva parece ter surgido da amizade com um aluno de escola privada:

Eu tinha muitas amizades e um deles até hoje é meu melhor amigo e a mãe dele era professora de colégio do estado e ele estudava em particular, então eu me perguntava: Se colégio do estado fosse bom, a mãe dele economizaria colocando o filho no estado. Eu cresci com ele no colégio particular e eu no público, ele me ensinava o que aprendia e eu ajudava a fazer os trabalhos dele e era muito divertido. A diferença do particular para o público é que no estado você faz dever e no particular você se diverte aprendendo. Até que no 1º ano ele me convidou para estudar no Colégio Beta⁵ com ele. Foi difícil, mas deu certo. A influência vem das minhas amizades. Não só dele.

A partir desse convite, Daniel procurou convencer a família de que valeria a pena fazer o ensino médio em escola privada:

Eu quem expliquei [para os pais] o quanto era importante uma faculdade, até porque, eu serei o primeiro a me formar da minha família.

Devido à grande dificuldade financeira vivida por sua família, e vendo todos os seus irmãos concluindo o Ensino Médio sem perspectivas de trabalho, o entrevistado, em conversa com sua família decidiu sair do ensino público, passando a estudar na escola privada no Ensino Médio, tendo em vista a possibilidade de dar continuidade aos estudos:

Conversei com meus pais e fiz meu primeiro ano do ensino médio, em escola particular, mas eu terminei o primeiro ano e eles queriam que eu voltasse para um colégio público, devido o valor e aos meus irmãos que reivindicaram porque eles nunca estudaram em escola privada.

Tentando dar continuidade aos seus estudos em escola privada, o aluno procurou um colégio com mensalidade mais acessível. Foi aí que começou a estudar no Colégio Alfa (colégio que está sendo realizada a pesquisa).

Desta forma, foi possível continuar o Ensino Médio em instituição privada, pois considerava que, se voltasse a estudar na instituição pública, suas chances de ingressar no ensino superior diminuiriam, face à baixa qualidade que encontram-se as instituições públicas de ensino em Fortaleza.

Quando eu estudava na escola pública, poucos me estimulavam. Acho que a visão geral de todos era a de apenas concluir o ensino fundamental ou, no máximo, o médio. Os professores também não estimulavam muito. Tinham sempre uma visão, acho que posso dizer, negativa do futuro. E os alunos queriam mesmo era mesmo era trabalhar. Tinha

⁵ Nome fictício.

um pequeno grupo que tinha muita vontade de continuar a estudar, mas acho que eles não tinham um rumo, não sabiam, como eu não sabia sequer o que era Universidade. Mas tem professores na rede pública que se esforçam bastante, é porque realmente é muito difícil disputar com a praia que era perto, com amigos da pracinha, enfim tudo era melhor do que assistir aula.

Para ele, as possibilidades de acesso escolar em níveis mais elevados dependem de cada um, embora reconheça as dificuldades das pessoas de seu nível econômico.

Não tenho medo de trabalho, apesar da minha família ser de nível baixo, eu aprendi a andar em um nível melhor. Ainda há gente que estranha quando digo que moro neste Bairro, e eu digo que lá não tem só violência, classe baixa. Onde eu moro tem muito pescador e se eu falar eles pensam logo em praia. Outros pensam em Dragão do Mar, mas não pensam naquele pescador que batalha para trazer o alimento para casa. O Bairro onde moro é um bairro muito pobre, todo dia tem fila enorme nos hospitais e não são atendidos, as pessoas são assalariadas, tem deles que são pais e estão desempregados e seus filhos não podem estudar, as escolas públicas não tem ensino adequado, até o ano passado elas serviam de creche.

Mas considera que a situação de pobreza de cada um pode ser reversível:

Mas outros se destacam, vão atrás e procuram colégio mais próximo do centro para mudar até de amizades e conhecer outro mundo, a cultura vai abrindo espaço e transforma a pessoa, que conversa com todo mundo. Tem gente que diz que rico é pessoal besta, mas não é. A pessoa besta é aquela que é pobre e fica rico, porque ela vai querer ensinar o “gari”. Sempre tem muita dificuldade, por exemplo: passagem de ônibus não pára de aumentar, e o valor que se paga dá pra comprar um alimento que pode servir para o almoço e isso é um absurdo, porque dificulta mais a saída da periferia, porque tudo custa caro para a periferia.

Daniel também mostra estar bem informado sobre as possibilidades de ascensão escolar existentes na cidade:

Hoje em dia tem um projeto do CEFET que o teste de seleção é só pro pessoal da comunidade, então eles vão poder competir entre si. Isso é um avanço muito grande. Tem gente que está saindo de lá e se tornando um engenheiro, trabalhando com energia eólica. Graças a um desses projetos que o do CEFET. Existem outros projetos também, mas que não vão pra frente porque não tem ajuda do governo.

O que Daniel parece não se aperceber é que o fato de ser o filho caçula e com seus dois irmãos mais velhos já trabalhando aumentou as possibilidades financeiras da família custear seus estudos em escola privada, pois um de seus irmãos não chegou a concluir o Ensino Médio, entrando logo no mercado de trabalho informal. O segundo irmão concluiu este nível, mas não pretende dar continuidade aos estudos em nível superior, pois considera desnecessário.

c) Trajetória escolar

Quadro 2 – Dados sobre a Escolarização

Ano de Conclusão	Escolaridade	Escola	Resultado
1996	E. Fundamental I	Pública	1 ^a , 2 ^a séries – aprovado 3 ^a série – reprovado 4 ^a série – aprovado
2000	E. Fundamental II	Pública	Aprovado em todas as séries
2004	Ensino Médio	Particular	Aprovado em todas as séries
2006	Ensino Superior	Particular	Cursando

Pelo quadro acima, pode-se verificar que, após um início satisfatório no ensino fundamental, Daniel foi reprovado por no 3º ano, mas a partir de 1999, nunca mais foi reprovado, nem mesmo quando ingressou no ensino privado.

Após a conclusão do ensino médio, Daniel conseguiu ingressar no ensino superior em instituição privada, onde cursa Faculdade de Informática e, será o primeiro de sua família a ter o diploma de nível superior.

Quanto às perspectivas profissionais, Daniel nos diz que

comecei a trabalhar muito cedo, ainda no ensino médio, depois já continuei no mercado de trabalho onde continuo até hoje, mas ainda no ensino médio, foi fundamental fazer cursos técnicos, pois minha área (informática) exige conhecimentos técnicos atualizados[...] Quanto ao futuro profissional quero muito abrir minha empresa na área de Informática. Por menor que seja. Eu vejo que meus pais trabalharam tanto e meus irmãos continuam correndo atrás de algo melhor. Então vou abrir uma empresa para deixar uma herança para a família inteira. Pretendo tirar esse negócio de que minha família é analfabeta e dá a oportunidade deles estudarem. Quando eu vejo alguém da minha idade trabalhando demais, eu digo que essa pessoa deixe um tempo para estudar, como agora, eu trabalho numa empresa e faço faculdade à noite. Fiz uma seleção para outra empresa e não sei se eu vou ficar, porque ou trabalho ou estudo (à noite) e, se eu trabalhar agora prejudico meus estudos e eu estudando vai ficar pelo resto da vida, abrindo as portas pra mim. Eu fujo da área militar e de concurso públicos, porque você nunca vai mostrar o seu máximo. Então pretendo abrir a empresa para mostrar pra todos que da família tem um que luta e se destaca.

3.4.2. Caroline

As entrevistas com Caroline ocorreram no Colégio Alfa e uma delas em sua casa. Como também apresentava dificuldade de disponibilidade de tempo com relação ao trabalho, optamos por agendar suas entrevistas aos sábados. A primeira foi realizada no início do mês de abril de 2007 e a segunda em junho do mesmo ano. Caroline é uma jovem tranqüila, tímida e no início apresentou certo “bloqueio” para falar sobre si. Aos poucos e com o desenrolar da entrevista foi falando com mais desenvoltura sobre sua escolaridade, sua vida, sua família. Esta dificuldade ocorreu, segundo a entrevistada, por nunca ter falado de si em outra oportunidade. Na primeira entrevista ela estava apenas respondendo às perguntas com respostas curtas. Na segunda entrevista, expliquei-lhe mais detalhadamente os objetivos da entrevista, de tal forma que ela ficou mais à vontade para responder, sendo possível coletar mais detalhes de sua trajetória familiar e escolar.

Após transcrição das duas entrevistas, senti a necessidade de uma terceira, pois estava necessitando de alguns dados mais específicos sobre sua escolaridade anterior. A terceira e última entrevista foi realizada em sua casa, também em um sábado, em agosto de 2007. Por ocasião da entrevista, conheci seu esposo e seu filho. Seu esposo foi muito receptivo, logo me convidando para entrar, deixando-me à vontade. Na rápida passagem de quarenta minutos que estive em sua casa, foi possível perceber um clima de harmonia e tranqüilidade. Sua rua é calma, apesar de ter um restaurante na esquina que, segundo a entrevistada, fica com som um pouco alto gerando poluição auditiva. Próximo a sua casa há uma praçinha que antes era um local agradável para passeio com crianças, papear com amigos e caminhar. Mas esta praça vem agregando um grupo de rapazes suspeitos, gerando insegurança para a comunidade local.

3.4.2.1 - Caroline -Entrevista

a) Capital cultural de origem

Quadro 3 – Características Sócio-familiares

Dados	Caroline
Idade	22
Local de Nascimento	Baturité – Ce
Estado Civil	Casada
Filhos	1

Posição de nascimento	2ª dos 3 irmãos
Local de Residência	Bairro Álvorada, zona periférica de Fortaleza
Numero de pessoas que moram na residência	3
Renda Familiar Total (aproximada)	3 a 4 salários
Pai: idade, escolaridade e profissão	Idade: 52 Profissão: taxista Escolaridade: 8ª série do ensino fundamental I
Mãe: idade, escolaridade e profissão	Idade: 45 Profissão: autônoma (vendedora de roupas) Escolaridade: ensino médio

Caroline iniciou seus estudos na cidade de Baturité (CE) onde morava com seus pais e avós paternos. Com grande dificuldade financeira, seus pais vieram para Fortaleza na tentativa de melhores condições de sobrevivência. Sua mãe, sempre muito batalhadora, começou trabalhando em casas de família para ajudar no sustento do lar. Seu pai, após passar por diversos trabalhos, firmou-se com taxista.

No início, Caroline, como seus irmãos, teve pouca assistência da família no Colégio. Desta forma ela sempre apresentava baixo rendimento escolar. Com árduo trabalho, sua mãe firmou-se como vendedora autônoma de roupas e, após 10 anos sem estudar, retornou ao Colégio para conclusão do Ensino Médio. A volta ao Colégio despertou em sua mãe a valorização e a importância dos estudos, o que levou a matricular dois de seus filhos na escola particular, pois estava verificando, na escola pública, o baixo rendimento, a falta de estímulo dos filhos, bem como a frequência de amizades “suspeitas” de amigos do Colégio em sua casa. A valorização dos estudos tornou-se então prioridade da casa, tanto por parte de seu pai como de sua mãe, passando a não medirem esforços financeiros quando o assunto era a melhoria da escolarização de seus filhos.

Desta forma, quando seus pais perceberam que Caroline estava muito desestimulada no Colégio, com notas baixas, aprendizado baixo, decidiram sacrificar-se financeiramente e transferi-la para um colégio particular. Quando questionada o porquê desta decisão, Caroline nos disse:

Tentei ver um outro Colégio público com melhor qualidade, sei que tem bons colégios públicos mas, infelizmente não era próximo a minha casa, então teria

que pegar transporte e sairia caro. Então minha mãe visitou este Colégio, gostou bastante e optou por me matricular lá e fiquei durante todo o ensino médio... Foi difícil para meus pais pagar mensalidade e outras despesas que tinha, mas com certeza foi uma boa opção. Passei a me dedicar mais aos estudos, mesmo tendo mais dificuldades. Imagina que entrei no ensino médio sem nunca ter visto física, química, biologia, literatura e muito pouco de inglês. Mas, estava motivada e, logo entrei em grupos de estudo. Ficava na Biblioteca no turno da tarde para estudar, pois lá em casa não tinha um ambiente legal de estudo... Fui reprovada no 2º ano, não por falta de estudo, mas por falta de base, não dava para acompanhar. Mas a reprovação foi positiva, apesar de tudo, apesar de ser um ano perdido financeiramente para meus pais, pois revisei a matéria e aprendi mais. Tanto que não tive grandes dificuldades no 3º ano.

Sobre a caracterização sócio-cultural de seus pais, Carol nos diz,

Meus pais passaram por grandes dificuldades financeiras. Então praticamente não saíamos de casa. Quando saíamos era uma festa. Eu e meus irmãos sempre brincávamos na pracinha próximo a casa que morávamos. Minha mãe vive para o trabalho. Não gosta de sair e não bebe. Nos finais de semana sempre fica vendendo roupa e fazendo cobranças. Meu pai fica com o grupo de amigos taxistas, com os quais costuma fazer churrasco e tomar cerveja e só. A verdade é que saímos muito pouco, principalmente depois que viemos morar na cidade. Esse lado cultural que você perguntou, acho que não tenho.

O que se verifica, portanto, é que seus pais, com a experiência de estudo de sua mãe, passaram a valorizar mais a qualidade de ensino e, com isso, abriram a oportunidade de ingresso no ensino privado, na perspectiva de que seus filhos tivessem melhores condições para ampliar suas possibilidades de classificação social mais elevada do que eles próprios conseguiram.

Caroline mora no bairro Alvorada em uma casa modesta, mas limpa e organizada. As casas ao redor são simples, sua vizinhança ainda é bem tranqüila, mas esta realidade está mudando devido a um mutirão da Prefeitura que está sendo entregue. “Estou muito preocupada”, relatou Caroline quando o assunto foi o mutirão.

O bairro do Alvorada tem muitos problemas, assaltos diários, mas ainda temos uma boa vizinhança, ainda é possível passear com meu filho na calçada, na praça aqui próximo mas, acho que isso está perto de mudar. Daqui uns dias teremos que ficar dentro de casa mesmo e, ainda correndo risco.

Caroline está casada há dois anos e tem um filho de seis meses, o que parece ter influenciado a sua decisão de parar de estudar (conforme pode ser verificado no item b de seu depoimento).

b) Relações sociais

Quanto à rede de relações sociais, o relato de Caroline nos mostra que as amizades na escola privada foram um incentivo para continuar estudando, mesmo após a reprovação no 2º ano:

Bem, não tenho muitos amigos, diria que minhas melhores amigas eram colegas de sala do Colégio, principalmente do 2º e 3º ano [do Ensino Médio]. Lá no Colégio freqüentávamos o grupo de estudo do turno da tarde e ficamos amigas. Este grupo era muito positivo.

Esta experiência positiva parece ter marcado também as suas expectativas quanto ao futuro, apesar de estar casada:

Acho que todos que freqüentavam estão hoje na Faculdade. Eu não estou porque veio casamento e logo filhos. Mas, pretendo voltar em breve. [...] com certeza esses amigos do grupo de estudo influenciou muito.

c) Trajetória escolar

Quadro 4 – Dados sobre a Escolarização

Ano de Conclusão	Escolaridade	Escola	Resultado
1996	E. Fundamental I	Pública	Aprovado em todas as séries
2000	E. Fundamental II	Pública	Aprovado em todas as séries
2004	Ensino Médio	Particular	1º ano – Aprovada 2º ano – Reprovada 3º ano – Aprovada

De acordo com o quadro acima, Caroline não passou por nenhuma reprovação no ensino fundamental. A única reprovação que teve durante a educação básica foi no 2º ano do ensino médio, já na instituição privada.

Fui reprovada no 2º ano do ensino médio. Foi um dia horrível. Mas, na verdade, sabia que seria melhor repetir porque estava com muitas dificuldades, especialmente nas disciplinas de cálculo. Então encarei a reprovação e por incrível que pareça passei a me dedicar mais aos estudos. Foi aí que despertei para o tempo que estava perdendo, e que seria possível principalmente neste ano que seria apenas de revisão, estudar mais, porque tinha, como ainda tenho a vontade de passar no Vestibular.

Quando questionada sobre suas expectativas e projetos profissionais, Caroline nos diz que ainda não ingressou no ensino superior por motivos de casamento, filhos e necessidade de trabalho. Mas vislumbra realizar este sonho em curto prazo, logo que seu filho entrar no Colégio na Educação Infantil. Está consciente que não será fácil a jornada de trabalho, família e mais estudos – o que deverá ocorrer no turno da noite, mas o sonho de trabalhar na área da saúde está muito vivo. Caroline trabalha como atendente de uma clínica dentária há dois anos. Pretende continuar neste trabalho, pois fica na clínica nos turnos da tarde e noite. De manhã fica com seu filho. Quando seu filho iniciar os estudos, Caroline iniciará um cursinho preparatório para o Vestibular.

3.4.3. Ana

A entrevista com Ana ocorreu no mês de Novembro de 2007. Realizamos dois encontros, devido ao tempo curto que a entrevistada dispôs no primeiro dia. Neste dia, ela ficou um pouco receosa para responder, mas explique-lhe mais detalhadamente o convite para entrevista. Isto fez com que ela compreendesse o motivo da entrevista e passou a responder voluntariamente da melhor maneira possível.

3.4.3.1) Ana – Entrevista

a) Capital Cultural de Origem

Quadro 5 – Características Sócio-familiares

Dados	Ana
Idade	23
Local de Nascimento	Fortaleza
Estado Civil	Solteira
Filhos	Não
Posição de nascimento	1º de 1 irmão
Local de Residência	Bairro Alvorada – zona periférica da cidade
Numero de pessoas que moram na residência	5
Renda Familiar Total (aproximada)	5 a 6 salários
Pai: idade, escolaridade e profissão	Idade: 60 Profissão: professor (já aposentado) Escolaridade: ensino superior

Mãe: idade, escolaridade e profissão	Idade: 59 Profissão: professora Escolaridade: ensino médio (4º pedagógico)
--------------------------------------	---

A entrevista iniciou com questionamentos relativos à organização de sua família. Segundo Ana, sua família era muito feliz e sem problemas significativos até a separação de seus pais. Mesmo com problemas financeiros, passando por certas dificuldades até então, seus pais viviam em um clima de harmonia e, como tinham muitos parentes, o ambiente familiar era muito feliz.

Seus pais são professores, ambos aposentados, da rede estadual de ensino do Ceará. Sua mãe era professora do ensino fundamental I e, já é aposentada há algum tempo, por motivos de saúde. Seu pai era professor de Matemática do ensino fundamental II e ensino médio e também já está aposentado há 3 ou 4 anos, aproximadamente. Seu pai trabalhava em uma escola pública considerada ‘modelo’, devido à grande organização e qualidade do ensino. Por ter muito orgulho de seu trabalho e da escola que trabalhava, optou por colocar seus filhos nesta Instituição de ensino. Ana e seu irmão cursaram todo o ensino fundamental nesta escola. Como o ensino médio era no turno da noite, seu pai optou por tirá-la desta escola devido ao perigo do retorno para casa, pois, segundo a entrevistada, a escola situava-se em um bairro com assaltos freqüentes, especialmente à noite. O outro motivo da saída de Ana desta escola foi à mudança do Diretor, bem como a saída (por motivo de aposentadoria) de alguns professores que já lecionavam há algum tempo nesta Instituição. Estas mudanças relativas ao quadro de funcionários estavam proporcionando, segundo Ana, uma ‘grande queda’ no nível de ensino escola.

Apesar de ser um pouco longe de minha casa, gostava muito, muito mesmo de minha escola. Ia com meu pai para lá, então me sentia protegida. Era um verdadeiro exemplo de escola. Pena que essa realidade estava mudando. O novo Diretor tem que abrir os olhos para não deixar uma escola pública com tanta qualidade simplesmente degrading.

Diferentemente dos sujeitos anteriores, a condição cultural dos pais parece ter exercido influência significativa na sua trajetória escolar:

meus pais eram professores, então este lado de estudar sempre esteve presente na minha casa, mas eles também gostavam muito de passear, curtir, sair, ir à praia. Minha família é muito grande, tenho muitos primos, todos muito animados. Acho que resumiria assim:

na semana estudar, ler e trabalhar e no fim de semana curtir um pouco, ir à praia, churrasco, enfim... Não sou muito ligada a cinema e filmes acho que não tenho muito esse lado cultural, gosto muito de ler, estudo o necessário, gosto muito de trabalhar, mas é só.

b) Rede de relações sociais

Ana é uma garota muito sociável. Sua família numerosa levou Ana a gostar muito de conversar, dialogar com os primos de sua idade. O contato com a sua família sempre esteve muito presente. Este contato foi, segundo a entrevistada, muito positivo para seu desenvolvimento e construção de sua personalidade.

Minha família é muito numerosa. Lá em casa sempre tem algum primo ou algum parente. No fim de semana sempre tem algum aniversário ou reunião de encontro de familiares. O bom é que todos os primos cresceram num ambiente saudável. Não existe nenhum primo que seguiu 'o mau caminho'. Não existe este negócio de drogas, bebida, nada disso existe entre os primos. Alguns não gostavam de estudar, preferiam a praia, o lazer, mas no mais todos cresceram longe do mundo das drogas. Isso foi muito bom. Cresci neste clima de alegria. Com a separação dos meus pais, nos distanciamos um pouco. E, foi a hora que cada primo seguiu seu caminho. Claro, que os primos crescem e aí cada qual foi se encaminhando para algum ramo profissional.

Os primos e os familiares constituem-se na maior rede de amigos de Ana. No Colégio ela tinha algumas amigas, que as considerava [verdadeiras amigas], mas nada que ultrapassassem os muros do Colégio.

O grupo do colégio era para a hora do intervalo do Colégio e para estudar e trocar idéias. Não me lembro de ter amigas do Colégio lá em casa, ou saindo para passear ou indo para alguma festa. Eram verdadeiras amigas, algumas ainda mantenho até contato, mas meus grandes amigos e amigas são meus primos e primas. Mas, estes amigos do Colégio foram muito importantes para o meu crescimento. Logo quando mudei para o Colégio particular elas me acolheram muito bem, sem nenhum problema.

c) Trajetória escolar

Quadro 6 – Dados sobre a Escolarização

Ano de Conclusão	Escolaridade	Escola	Resultado
1995	E. Fundamental I	Pública	Aprovada
1999	E. Fundamental II	Pública	Reprovada no 5º ano
2004	Ensino Médio	Particular	Aprovada
2006	Superior	Particular	Cursando

De acordo com o quadro acima, Ana estudou na escola pública no ensino fundamental. A opção da mudança de escola no ensino médio foi uma escolha difícil:

Na época meu pai estava praticamente aposentado e percebia que a escola não ia muito bem. Mas, meu pai queria que eu permanecesse no ensino público, mas estava perdendo a confiança naquela escola. Pensou em me transferir para o Liceu, mas sabíamos que o Liceu também não estava com um bom ensino, estava com sérios problemas com o quadro de professores que estavam faltando muito, enfim achou melhor que eu não estudasse lá. Então, como o Colégio Alfa era próximo à minha casa e vários vizinhos estudavam lá, optei por fazer esta mudança. E também queria me preparar para o Vestibular e querendo ou não sempre achamos que a escola particular ensina melhor.

Quando questionada se Ana havia percebido alguma diferença entre as duas redes de ensino, Ana nos diz que

na verdade existem escolas públicas e privadas de qualidade e escolas públicas e privadas sem qualquer qualidade. Meus pais são professores então o assunto lá em casa acabava sendo esse. Foi difícil a decisão de mudar para escola privada, mas me adaptei legal, até porque a escola particular que estudei era uma escola de bairro. Não era escola do centro ou de um bairro chique. Não percebi mudanças significativas e digo que tive sorte, pois estudei tanto em uma excelente escola pública como privada.

Verifica-se, portanto, que o conhecimento familiar a respeito da qualidade de ensino tanto da escola pública quanto da privada foi um fator significativo para seu ingresso no ensino privado, na perspectiva de prevenção de uma futura desclassificação social.

Com relação às perspectivas suas e de sua família após a conclusão do ensino médio, Ana nos diz que

como meus pais são professores então existia sempre o apoio para que eu continuasse a estudar, meu pai sempre me incentivou a estudar. Na verdade eu não era uma excelente aluna, tinha algumas dificuldades para aprender, tanto que já fui até reprovada, mas o apoio e o incentivo de minha família era tão grande que não desisti, tanto que hoje faço o curso de Enfermagem.

Ana cursa Enfermagem em uma Faculdade particular da cidade de Fortaleza. Foi aprovada no 2º Vestibular que prestou, após ter tentando na Universidade pública. Ana nos diz que

como qualquer outra pessoa que conclui o ensino médio, tive o ‘sonho’ de estudar na Universidade pública, mas a concorrência para Enfermagem é muito alta e sabia que tinha limitações, especialmente nas disciplinas de cálculo. Não culpo as escolas que

estudei, era uma limitação minha. Claro, se eu me dedicasse poderia melhorar nestas disciplinas e talvez ser aprovada na pública, mas já que passei na particular, ficou tudo bem, o curso é muito bom e como consegui uma bolsa parcial, não sai tão caro estudar lá.

Ana foi fortemente influenciada por seus parentes (avós e tias), que trabalhavam na área de saúde.

tenho minha avó foi auxiliar de enfermagem, tenho uma Tia que é enfermeira, e com certeza elas me influenciaram, pois sempre gostei da área de saúde. Meus pais são professores e, realmente não gosto da área de ensino. Gosto de mexer com saúde.

Mas, mesmo com toda a informação e incentivo disponível, as limitações objetivas em relação ao seu futuro aparecem quando questionada se pensou em fazer algum outro curso da área de saúde:

Claro que pensei, quem não sonha em ser médica, pensei também em fisioterapia. Mas sou muito realista e sei que este sonho seria difícil de tornar real, então optei por um curso ligado a área de saúde e mais próximo de minha realidade.

Seu depoimento mostra também que, do ponto de vista econômico, houve sempre uma possibilidade familiar que permitiu que, durante o ensino médio, fizesse apenas alguns trabalhos em eventos, nos finais de semana, nada que atrapalhasse seus estudos [eram apenas alguns 'bicos'], bem como durante o ensino superior:

Minha faculdade é complicada porque tenho disciplinas no turno da manhã e no turno da tarde. Fica difícil trabalhar, mas estou estagiando num hospital vinculado à Faculdade nos dias que não tenho disciplina... Quanto à minha perspectiva de trabalho, pretendo continuar na área de Enfermagem. Gosto muito do que faço apesar de ser um trabalho muito difícil, pois exige muita dedicação e é pouco reconhecido e recompensado. Posso até mudar de idéia, mas pretendo continuar nesta área, prestar um concurso público e se, não passar, entrar nesta vida 'louca' de hospitais particulares.

3.4.4. Cláudio

A entrevista com Cláudio ocorreu no mês de Novembro de 2007. Como foi realizado apenas um encontro, a entrevista foi longa para que os dados fossem completamente contemplados. O entrevistado compareceu ao Colégio Alfa, local de realização das demais entrevistas, e dispôs de toda tarde para responder aos

questionamentos. Por ser um pouco tímido limitava-se a responder aos questionamentos com respostas curtas, mas precisas, não entrando em grandes detalhes nas respostas.

3.4.4.1. Cláudio - Entrevista

a) Capital cultural de origem

Quadro 7 – Características Sócio-familiares

Dados	Cláudio
Idade	22
Local de Nascimento	Fortaleza
Estado Civil	Solteiro
Filhos	Não
Posição de nascimento	Filho Único
Local de Residência	Bairro Alvorada
Numero de pessoas que moram na residência	3
Renda Familiar Total (aproximada)	3 a 4 salários
Pai: idade, escolaridade e profissão	Idade: 48 Profissão: Fotógrafo Escolaridade: Ensino Médio
Mãe: idade, escolaridade e profissão	Idade: 49 Profissão: autônoma Escolaridade: ensino médio (incompleto)

O assunto inicial da entrevista tratava dos dados de identificação do entrevistado, seguido dos dados familiares. Cláudio mora nas proximidades do Colégio Alfa, mas desde a conclusão do ensino médio não havia retornado ao Colégio. Seu pai é fotógrafo e sua mãe trabalha no comércio (autônoma). É filho único e, acredita ele, ser este o motivo de tamanha preocupação e atenção de seus pais, especialmente de seu pai, que acompanha a vida escolar do filho desde o primeiro dia de aula no jardim de infância. Este acompanhamento pode ser comprovado mediante as fotografias, que o entrevistado levou no outro dia ao Colégio. Nas fotos constam os principais acontecimentos escolares vivenciados por Cláudio desde a infância até a aprovação no Vestibular da Universidade Federal do Ceará – UFC. Quando questionado sobre a organização familiar ele nos disse que seus pais

são casados há mais de 20 anos e convivem em um clima de felicidade. Não costumo ver brigas de meus pais. Tenho muita sorte por tê-los como pai e mãe. Não tenho irmãos e por isso sou muito apegado aos dois.

Sobre a caracterização socioeconômica de seus pais, Cláudio nos respondeu:

meus pais sempre viveram com dificuldade financeira. Minha casa é modesta, não tem nenhum luxo, a começar pela localização, mas também nunca faltou nada. Meus pais sempre trabalharam muito, minha mãe sempre trabalhou fora de casa, meu pai trabalha muito também, muitas vezes à noite; minha família é toda simples. Não tem ninguém que viva muito bem ou sobrando dinheiro; tenho quatro tios (por parte de pai) e apenas uma tia (por parte de mãe). Todos vivem normal, como a gente vive.

De seus cinco tios, dois deles possuem o ensino superior, sendo um advogado e o outro matemático. Os demais concluíram apenas o ensino médio. Quando questionado se havia uma proximidade com relação a seus tios e primos, ou seja, se havia uma harmonia familiar, Cláudio nos disse que

alguns de meus tios moram no interior e, então não tenho contato; os demais entre ele o matemático mora próximo a minha casa e me apoiou muito na minha decisão de fazer Engenharia.

Observamos que a influência familiar não se restringe aos pais. A família pode ser um grande incentivador, como neste caso, em que Cláudio conta com incentivo e apoio do tio para decisões profissionais.

Com relação aos programas realizados pela família, Cláudio nos relata que seu pai adora viajar.

Meus pais não costumam sair à noite até porque nos finais de semana meu pai trabalha (com fotos em casamento, aniversários, etc), mas nas suas folgas e nas férias sempre viajamos, não é para muito longe, mas curto bastante viajar.

Esta organização familiar, juntamente com o apoio e incentivo irrestrito do pai, foi fundamental para formação de Cláudio.

b) Relações sociais.

Cláudio é filho único e, por esse motivo, sempre foi muito próximo à sua família, especialmente ao seu pai. Na infância não possuía muitos amigos, apenas alguns colegas no Colégio e na vizinhança. Sempre foi reservado, muito disciplinado e estudioso. O grande apoio e incentivo veio sempre de seu pai e, em menor escala de seu tio que é matemático. No Colégio aproximava-se muito dos professores. Estava sempre

questionando e tirando dúvidas, apesar da timidez. Possuía um amigo no Colégio, que estudou com ele desde a 5ª série do ensino fundamental, e considera que o apoio deste amigo foi fundamental para a aprovação no Vestibular.

... eu e o Mauro estudamos juntos desde a 5ª série. Na sala de aula sempre nos destacamos, sempre tiramos os primeiros lugares e um incentivava o outro. Diria que disputávamos o primeiro lugar, mas numa disputa saudável. Os dois saíam ganhando. E no Vestibular veio a aprovação dos dois. Eu passei na UFC e ele passou na UECE. Perdemos um pouco o contato, mas com certeza ele é um amigo muito importante.

Cláudio contou com o apoio de sua família, conviveu com amigos que tinham como ele, objetivos claros e definidos. Daí fez sua trajetória escolar plena de sucesso, como veremos a seguir.

c) Trajetórias escolares

Quadro 8 – Dados sobre a Escolarização

Ano de Conclusão	Escolaridade	Escola	Resultado
1997	E. Fundamental I	Particular	Aprovado
2001	E. Fundamental II	Particular	Aprovado
2004	Ensino Médio	Particular	Aprovado
2005	Superior	Pública	Cursando

Cláudio sempre foi um aluno excepcional. Sempre tirou um dos primeiros lugares desde a 1ª série do ensino fundamental até a conclusão do ensino médio. Era um aluno admirado por seus professores e coordenadores; participava com bons resultados em todas as atividades propostas do Colégio (por exemplo: olimpíadas de matemática, olimpíada de física, etc). Sua única dificuldade era na produção textual, mas esta dificuldade não chegava a comprometer seu desempenho.

Sobre a opção de cursar o ensino básico (sempre estudou em instituição privada), Cláudio no diz que

na verdade nunca perguntei o meu pai porque eu não estudava na escola pública, mas acredito que seja porque (bem eu acho), sempre gostei de estudar. Na pré-escola já sabia ler, não tive dificuldades para aprender a ler e escrever e aí ele achou melhor que eu estudasse na escola particular. A escola pública está com dificuldades, mas tem muito

aluno bom na escola pública também. Se tivessem melhores condições também entrariam na universidade pública.

Quando questionado sobre a expectativa dos pais em relação à conclusão do ensino médio ele nos relata

o meu pai, por ser fotógrafo, organiza seu próprio horário e como minha mãe trabalha o dia todo fora, a responsabilidade de minha educação acabou ficando por conta de meu pai. Ele ia me deixar e pegar no colégio, ele que ia receber meus boletins, enfim ele que fazia esse papel. Então ele criou uma grande expectativa até porque eu sempre acabava tirando os primeiros lugares na minha série. Ele acompanhou mesmo, acompanhou de perto. Sempre conversava com os coordenadores, com os diretores, todos gostavam muito dele no Colégio [...] e, com certeza dedico à vitória no vestibular a ele. Ele mais do que ninguém merece. Ele sempre quis que eu passasse no vestibular. Lembro que no dia em que meu primo foi fazer a inscrição no vestibular (eu ainda fazia o primeiro ano) ele me levou junto. Fiquei admirado com o tamanho da universidade e achei que nunca iria passar, mas acabei passando da 1ª vez que tentei.

Por fim, Cláudio nos falou sobre expectativas e projetos de vida. Ele nos disse que

estou cursando Engenharia mecânica na UFC, desenvolvo alguns projetos juntamente com meus professores na Universidade (monitoria), mas ainda não trabalho. Nunca trabalhei até porque nunca procurei emprego. Vou começar esta batalha nos próximos dias. Até então me dediquei só aos meus estudos até porque contava com o apoio dos meus pais. O que pretendo? Continuar os estudos, na própria UFC ou em outra Universidade (ainda não sei) e pretendo trabalhar na área. Vou começar a garimpar trabalho.

Como vemos, sua trajetória escolar foi plena de sucesso. O acompanhamento de seu pai, bem como o a influência positiva de seus amigos foi fundamental para sua excelência educacional, pois esta excelência depende de um trabalho ativo realizado tanto pelos pais quanto pelo próprio filho e, que pode ou não ser bem-sucedido. No caso de Pedro, o sucesso foi constatado.

3.4.5. Pedro

A entrevista com Pedro ocorreu no mês de abril, no Colégio Alfa. A primeira entrevista foi considerada um pouco conturbada, pois foi agendada no dia da Festa da Páscoa do Colégio e o constante entra e sai de professores e alunos, além do ensaio geral, desconcentrou um pouco. Durou cerca de uma hora, talvez um pouco mais, e os

assuntos tratados ficaram “pela metade”. Pedro, apesar de ser um aluno sempre simpático, receptivo, estava um tanto quanto tímido. Sua segunda entrevista, realizada no mês de junho, foi mais proveitosa. Falou com mais fluência e desinibição.

3.4.5.1. Pedro - Entrevista

a) Capital cultural familiar

Quadro 09 – Características Sócio-familiares

Dados	Pedro
Idade	21
Local de Nascimento	Fortaleza-Ce
Estado Civil	Solteiro
Filhos	Não
Posição de nascimento	É o irmão do meio. Tem mais dois irmãos
Local de Residência	Bairro Jardim Iracema, zona periférica da cidade de Fortaleza
Numero de pessoas que moram na residência	4
Renda Familiar Total (aproximada)	5 salários aproximadamente
Pai: idade, escolaridade e profissão	Idade: 53 Profissão: motorista Escolaridade: E.Fundamental
Mãe: idade, escolaridade e profissão	Idade: 52 Profissão: dona-de-casa Escolaridade: ensino médio (incompleto)

Pedro é o filho do meio de dois irmãos. Seu pai é motorista e sua mãe dona de casa, mas sempre tiveram como ideal investir na educação dos filhos. Seus pais são casados e Pedro considera sua família bem estruturada. Sempre apoiaram a área que quis seguir (área de informática), sempre dizendo: [*estude e você escolha qual área que você deseja estudar*]. Segundo Pedro,

apesar da pouca escolaridade do meu pai, ele sempre foi ciente de que através do estudo você pode melhorar.

Pedro mora no Bairro próximo ao bairro Alvorada, zona periférica da cidade de Fortaleza. Apesar da proximidade de uma grande favela, sua rua e as proximidades, contam com água encanada, luz elétrica e telefone. Sua residência é própria, o que é um grande alívio para seus pais, que já moraram pagando aluguel. Considera sua casa

simples, mas um ambiente tranquilo. Não possuem carro próprio. Pedro divide o quarto com o irmão, mas, para ele isto não é problema, pois os dois possuem uma relação bem harmoniosa. Em seu quarto há uma televisão. Não possui computador em casa, mas já há a promessa de adquirir muito em breve em face da necessidade dele e de seus irmãos para acompanhamento dos estudos. Acessa a Internet em uma *lan house* próxima à sua casa ou na Faculdade. Sua vizinhança é tranquila, mas este quadro está mudando, devido ao aumento considerável da favela próxima, o que vem acarretando assaltos constantes nas redondezas.

Este quadro de insegurança tem se tornado cada vez mais comum na cidade de Fortaleza, não só na zona periférica como também nos bairros considerados nobres. Assaltos à mão armada, na rua, nos sinais de trânsito, mortes banais estão fazendo parte do dia-a-dia do cearense. Pelas ruas dos mais diversos Bairros, a insegurança na qual vivem os moradores é percebida sem muito esforço. É difícil encontrar entre as casas e os pequenos comércios alguma porta sem grade e cadeado. Pedro nos relata que apesar de nunca ter sido assaltado, muitas vezes deixa de sair para passear, ou visitar algum amigo devido à insegurança.

quando saio não sei nem se voltarei vivo para casa. A situação aqui tá difícil, eu não sei o que falta acontecer. Se coloca mais policiais e não muda a justiça, não adianta nada. A polícia prende, mas depois são soltos, essa cidade tá impossível de se viver de tanto caso absurdo de violência.

Pedro, durante a entrevista, ressaltou muito a importância e o apoio da família na sua formação. Seus pais sempre procuraram investir na educação dos filhos. Ressaltou também a importância do seu tio, professor de Matemática, para a sua formação. Pedro considera que seus pais sempre tiveram equilíbrio na orientação dos estudos dos filhos, não sendo aqueles pais *obstinados*, o que poderia levar a cometer um erro pelo excesso de zelo, nem tão pouco desligando-se totalmente dele. Arcavam, a duras penas, com o ônus da escola privada de seu bairro, pois a consideravam “pagável” com um pouco de sacrifício, sem nunca terem tido a obstinação de colocá-los em escola de elite, pois sabiam que não era possível arcar com mensalidades tão caras, como também nunca deixaram que estudasse em escola pública, face ao descaso que se encontra a escola pública de ensino médio de seu bairro.

Lahire (1997) observa que é necessário estudar a dinâmica interna de cada família, as relações de interdependência social e afetiva entre seus membros para que se possa entender o grau e o modo como os recursos disponíveis (os vários capitais) são ou não transmitidos aos filhos (não apenas os pais, mas outros membros da família). Assim, o apoio e o incentivo de seus pais e de seu tio, mesmo com limitadas condições de escolaridade foi um fator determinante para o prosseguimento de seus estudos na área escolhida.

b) Relações sociais

Pedro nos relata que sua grande influência veio de seu irmão. Por estudarem no mesmo Colégio seu irmão sempre o orientou e ensinou nas atividades escolares.

Meu irmão era meu grande apoio. Ele sempre estudava comigo, tirava minhas dúvidas. Nós somos muito amigos até hoje. Ele seguiu o caminho militar e sempre viaja muito, mas não deixa de ser preocupado comigo.

No Colégio, Pedro tinha afinidades com alguns professores, especialmente os professores que lecionavam as disciplinas de cálculo. Concordava que o apoio deles era de fundamental importância para um bom direcionamento aos estudos.

Pedro, em uma determinada época de seus estudos, especificamente no 1º ano do ensino médio, acabou envolvendo-se com brincadeiras e conversas paralelas em sala de aula.

Quando eu cursava o primeiro ano do ensino médio, sentia-me um pouco desmotivado, não sei dizer por que. Acho que era uma fase natural da adolescência, e comecei a tirar notas baixas, meu rendimento começou a cair. Meu irmão foi quem chamou minha atenção. Como estudava no mesmo Colégio, acabava sendo um pouco meu responsável. Daí, passei a ver que aquelas brincadeiras não tinham nada a ver com o que eu realmente queria. Passei a ver a importância de estudar e passei a ficar mais concentrado. Tanto que no 2º ano do ensino médio passei a me dedicar ainda mais aos estudos. Isso foi muito positivo, pois hoje faço o curso que quero.

Seu depoimento revela o grande apoio e orientação de seu irmão, e a influência do grupo de amizades. Na própria instituição escolar é possível verificar alunos com objetivos definidos, no que diz respeito à vontade de continuidade dos estudos que procuram efetivar práticas que os levem a atingir os objetivos previamente estabelecidos.

c) Trajetória escolar

Quadro 10 – Dados sobre a Escolarização

Ano de Conclusão	Escolaridade	Escola	Resultado
1997	E. Fundamental I	Particular	Aprovado em todas as séries
2001	E. Fundamental II	Particular	Aprovado em todas as séries
2004	Ensino Médio	Particular	Aprovado em todas as séries
2006	Superior	Pública	Cefet

Com relação aos estudos, Pedro e seus irmãos sempre estudaram em Colégio particular, com grande esforço, por parte de seus pais, para financiá-lo.

Na parte econômica, meus pais sempre se esforçaram muito para pagar o Colégio[...]. Com relação à questão cultural, meu pai sempre foi caseiro, casa – trabalho – trabalho – casa. Eu acredito muito, muito que apesar da família bem humilde, mas bem estruturada, isso foi fundamental para a mentalidade que eu e meus irmãos temos hoje. Eu acho que foi devido a isso. A presença do pai (casa –trabalho) e mãezinha sempre ali dona de casa, essa junção foi fundamental para mim[...]. A opção de escolha pelo ensino privado, ocorreu devido à baixa qualidade da escola pública. É questão de acreditar que a escolar particular tem um ensino melhor, hoje à instituição pública tem uma imagem muito desgastada, acho que meu pai faria o impossível para eu e meus irmãos não estudássemos em escola pública, como realmente não aconteceu, mesmo tendo lá em casa momentos de grande dificuldade financeira. Ele abria mão de qualquer coisa menos de que seus filhos estudassem em escola particular, como também sempre nos colocou em uma escola que ele pudesse pagar, nunca forçou a barra para nos colocar em uma escola nobre, cara.

Pedro cursa hoje Telemática no CEFET. Em sua entrevista nos disse

estou satisfeito com o curso, eu fui mesmo pela afinidade com a matemática e a física, eu sempre tentei nessa área, antes tinha sido Informática, mas não passei. Aí fiquei na Telemática, que é muito próximo. E pensei também que esta área poderia ter um futuro próspero. Acho que juntei as duas coisas e defini.

No item relativo à trajetória ocupacional, mesmo considerando sua área promissora, Pedro ainda não trabalhava na área escolhida para sua carreira. O trabalho sempre foi uma preocupação, mesmo ainda como estudante de ensino médio. No momento da realização da entrevista, trabalhava informalmente com seu tio que era professor. Considerava a entrada no mercado de trabalho, em Fortaleza, difícil, mas que não mediria esforços para alcançar seus objetivos. Pedro considera ainda que

não pretendo mudar de curso. Estou, como disse, satisfeito com a área que escolhi. E tem concursos públicos nesta área. Mas a maioria das provas exige também conhecimentos na área do Direito e que não é visto na faculdade. Vou começar a ver para qual concurso pretendo estudar e me dedicar a isto, pois priorizo a estabilidade. Não quero que aconteça comigo o que aconteceu com alguns familiares meus que trabalhavam em empresas privadas e 10 ou 15 anos depois estavam fora do emprego e totalmente sem rumo, como também não tenho como abrir alguma coisa própria. Por isso optei pelo emprego público.

Apesar da grande e difícil concorrência, os cargos públicos parecem ser um emprego muito desejado. A segurança e a estabilidade aparecem como critérios essenciais nesta disputa acirrada estabelecida para a entrada no emprego público.

3.4.6. Márcia

As entrevistas com Márcia realizaram-se no Colégio Alfa. Márcia é uma jovem muito determinada e, apesar de ter passado por graves dificuldades financeiras, sua família sempre procurou investir em seus estudos. As entrevistas foram realizadas de forma muito agradável, pois a entrevistada apresentou muita desenvoltura ao falar. No primeiro encontro tratamos dos dados sobre sua família e vida escolar. Na segunda entrevista, o foco foi sua formação acadêmica e sua entrada no mercado de trabalho, bem como alguns detalhes que ficaram sem resposta na entrevista anterior.

3.4.6.1. Márcia - Entrevista

Quadro 11 – Características sócio-familiares

Dados	Márcia
Idade	21
Local de Nascimento	Fortaleza
Estado Civil	Solteira
Filhos	Não
Posição de nascimento	Tem 1 irmã mais nova
Local de Residência	Bairro Alvorada, zona periférica da cidade de Fortaleza
Numero de pessoas que moram na residência	4
Renda Familiar Total (aproximada)	5 a 6 salários
Pai: idade, escolaridade e profissão	Idade: 55 anos Profissão: funcionário público Escolaridade: nível superior
Mãe: idade, escolaridade e profissão	Idade: 56 anos Profissão: auxiliar de escritório Escolaridade: ensino médio

De acordo com os dados apresentados, Márcia tem 21 anos e é a filha mais velha. Seus pais são separados há aproximadamente cinco anos. Mesmo com a separação, seus pais mantiveram um bom relacionamento e hoje, tanto seu pai como sua mãe já formaram uma nova família, mas não possuem outros filhos. Seus pais sempre tiveram uma grande preocupação com a formação de suas filhas. Como ela relatou na entrevista:

Nossa! Meu pai sempre foi muito aflito e preocupado com nosso futuro, pois por ele ser funcionário público tem aquela visão de que os filhos também devem trabalhar para o governo... mas concurso público está cada vez mais difícil, quase impossível, eu acho.

Com relação à formação, seu pai concluiu o curso de administração quando já era funcionário público. Segundo a entrevistada, o fez apenas para melhoria salarial em seu trabalho. Sua mãe é auxiliar de escritório e concluiu o curso de ensino médio profissionalizante em contabilidade. Quando casados, seus pais procuravam sempre fazer programas culturais com os filhos.

Há uma grande valorização ao cinema na minha casa. Íamos sempre. Meu pai gosta muito, muito mesmo e aí eu e minha irmã também ficamos com isso. Gostamos muito de cinema.

Notamos uma certa diferenciação, no que diz respeito aos programas culturais da família, se compararmos com as entrevistas anteriores. Neste caso específico, é possível verificar programas com valores culturais distintos. Ressaltamos ainda que seu pai possui nível superior, bem como um emprego que lhe garante estabilidade.

Fora o cinema, os programas da família resumiam-se à praia e visita a familiares. Não era de costume viajar, a não ser para a cidade de Camocim (interior do Ceará), cidade natal de sua mãe. A separação dos pais gerou uma crise financeira na família, e por mais que seus pais tentassem não repassar e não transparecer este problema com suas filhas, era notório a crise instalada. A entrevistada nos disse que hoje

a situação já está bem, pois já estou trabalhando e, mesmo ganhando pouco, como moro com minha mãe e não tenho despesas com a casa.

Sua mãe está casada e seu padrasto também colabora com as despesas gerais. Sua relação com o padrasto é tranqüila e amigável, mas no início foi um pouco difícil aceitá-lo. A relação mais difícil é com a madrasta que, segundo a entrevistada

não sei por que , mas sei se é ciúmes ou raiva mesmo de mim e de minha irmã não dá pra ter uma relação amigável. Por isso resolvi deixar pra lá e aí o meu contato com o meu pai ficou muito reduzido, reduzido mesmo ao telefone. Pra você ter idéia, esqueci de ligar pra ele no último Dia dos Pais, só lembrei a noite.

A família moderna, em que há casos de separações de pais e logo depois casamento dos mesmos com outros parceiros, gera uma nova reestruturação familiar. Neste caso, tanto o pai quanto a mãe de Márcia já estão no segundo casamento. Márcia sentiu um abalo na condição econômica na família bem como na relação com o pai, que após o segundo casamento procurou evitar aproximação com as filhas.

b) Relações sociais

Márcia é uma jovem muito comunicativa. Esta sua qualidade gerava, às vezes, alguns problemas no Colégio, pois todos seus amigos queriam conversar, não só durante o intervalo, mas durante as aulas.

Eu sempre gostei muito de conversar. Isso é pra mim uma qualidade e um problema. Antes porque todos queriam conversar comigo, até mesmo durante as aulas e os professores sempre chamavam atenção. Agora também é complicado porque minha profissão exige silêncio.

No Colégio, Márcia sempre teve muitos amigos. Seus amigos não se resumiam aos colegas de sala. Tem grandes amizades da época de Colégio até hoje. Sua qualidade foi sempre saber o momento certo para parar a conversa ou a brincadeira.

O problema dos alunos é que de um modo geral ou são quietinhos, estudiosos ou são da bagunça. Eu sou um meio termo. É complicado, porque gosto de conversar, de brincar, mas também gosto de ler e de estudar. Às vezes meus amigos não entendiam isso. Se eu tivesse ido na “onda” deles, talvez tivesse me prejudicado pelas brincadeiras. Amizade influencia muito. Claro que brincar, até mesmo no Colégio é muito bom, é muito divertido, mas tem o limite, a hora certa de parar. Isso eu sabia bem.

c) Trajetórias escolares

Quadro 12 – Dados sobre a Escolarização

Ano de Conclusão	Escolaridade	Escola	Resultado
1997	E. Fundamental I	Particular	Aprovada
2001	E. Fundamental II	Particular	Aprovada
2004	Ensino Médio	Particular	Aprovada
2006	Ensino Superior	Público	Cursando

De acordo com o quadro acima, Márcia teve uma trajetória escolar bem sucedida. Foi aprovada em todas as séries do ensino básico. Sua única barreira foi a não aprovação no seu primeiro vestibular.

Márcia nos relatou, quando perguntada sobre a expectativa dos seus pais em relação à conclusão do Ensino Médio, que seus pais sempre acharam que as filhas deveriam cursar o ensino superior, mas não havia um grande investimento, a não ser o fato de sempre terem estudado em escola particular. Segundo Márcia, os pais achavam que o fato de as filhas estarem estudando em escola particular, pagando por isso, faria com que elas tivessem obrigação de passar no vestibular e, sempre deixaram claro que não iriam custear o ensino superior privado. Márcia queixava-se muito que seus pais não “pagavam” nada por fora, como por exemplo, curso de Informática ou Língua Estrangeira. Quando questionada o porquê desta negação a pagar outros cursos ela nos respondeu que

era porque poderia comprometer o pagamento de outras contas. Meu pai é muito certinho, paga tudo rigorosamente em dia, não faz nenhum estrago, e é verdade se ele fosse pagar outros cursos pra mim e para minha irmã iria sair muito caro, porque além do curso, vem transporte, material, enfim, outras despesas. Claro que por vontade dele ele nos colocaria nestes cursos, mas fora isso sempre teve muito estímulo lá em casa, minha mãe sempre cobrou muito, sempre ia ao Colégio para ver nossas notas, tanto que sempre passei por média, só fiquei um ano em estudos de recuperação.

Mesmo com emprego estável, classificamos a família de Márcia como pertencente à classe popular, devido à renda total familiar, bem como o fato de não possuírem casa própria e não possuírem acesso aos bens materiais comuns na classe média. Mesmo pertencente à classe popular é notória a diferenciação, especialmente cultural, da família de Márcia.

Márcia cursa Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará. Só foi aprovada no 2º Vestibular, após um ano de cursinho e muita determinação.

Sempre fui uma aluna estudiosa, na medida do possível, mas tenho limitações especialmente na área de cálculo e sei que não é fácil aprovação na Federal, mas era o que eu queria... escolhi o curso de Biblioteconomia porque sempre gostei de livros, filmes, mas, não queria ser professora porque acho que não tenho habilidade. É difícil ser professor, e aí escolhi este curso, meus pais me apoiaram e meus professores do 3º ano e do cursinho também e estou feliz, gosto do curso, dos professores, apesar de problemas com greve na Universidade. Hoje já estou trabalhando na Biblioteca de uma escola particular e estou tentando um estágio no Jornal o Povo na área de arquivo. Tudo indica que vou conseguir, assim espero.

Sobre suas expectativas profissionais e pessoais, Márcia nos diz que

sou muito “pé no chão”. Não costumo sonhar coisas impossíveis, mas sei muito bem o que quero e tenho uma boa orientação e apoio dos meus pais. Quero um emprego estável, organizar minha família e ser feliz. Quero muito o reconhecimento pelo meu trabalho. Para isso me qualifico, sigo a orientação de meus professores, procuro não desanimar diante das dificuldades reais. Como sempre tive uma família equilibrada, apesar das dificuldades que tivemos nestes últimos anos em consequência da separação de meus pais, procuro sempre o equilíbrio, saber o que realmente quero e buscar meus objetivos sem temer os obstáculos, que não são poucos, eu sei.

Por fim, questioneei sobre a perspectiva de um emprego público. Márcia respondeu que

o sonho do emprego público é mais do meu pai do que meu, mas, se houver concurso tentarei e se passar será muito bem vindo, pela estabilidade, mas quero tentar outros desafios. Não sei se no mundo de hoje está valendo tanto a pena o concurso público porque a gente “morre” de estudar, depois de muita dificuldade passa, mas não é chamada – como acontece. Melhor do que ficar esperando por concurso público é trabalhar, trabalhar muito.

Constatamos, neste caso, que o emprego público proporciona tamanha sensação de segurança e estabilidade – o pai repassa para a filha que este é o emprego ideal. Márcia, que é uma mulher determinada, considera que o ideal é trabalhar, seja qual for a rede: pública ou privada, o que não pode é ficar a esperar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar as trajetórias singulares de alunos pertencentes a famílias de uma determinada fração da classe popular que adotam estratégias específicas, comuns nas classes médias, visando à continuidade dos estudos de seus filhos em nível superior ou uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Para tanto, se faz necessário compreender e analisar as trajetórias escolares individuais destes alunos, considerando a origem social e as condições econômicas e culturais, como fatores determinantes que facilitaram ou dificultaram o seu progresso educacional. Para proceder à análise dos dados nos apoiamos no conceito de capital cultural e capital social de Bourdieu, como também nas contribuições metodológicas de Lahire (1997), na medida em que nos propusemos a compreender as trajetórias singulares seguidas por cada indivíduo.

Cabe retomar, dessa forma, as trajetórias individuais registradas no capítulo anterior, pontuando as semelhanças e diferenças de cada um, levando em consideração a história familiar, as influências sociais e o processo de escolarização.

1) Considerando a história singular das famílias temos:

- Os pais de Daniel, Carolina e Pedro não possuem o ensino superior e exercem atividades consideradas manuais. O mesmo ocorre com as mães destes que também nunca cursaram faculdade ou sequer concluíram o ensino médio, com exceção da mãe de Carolina. Dos citados acima, apenas a mãe de Carolina exerce atividade profissional remunerada. As demais sempre foram donas-de-casa, o que reflete o pai ainda como chefe de família e a dificuldade de emprego para mulheres no mercado de trabalho, na cidade de Fortaleza. Esta realidade vem se modificando em face da reestrutura da família (a mãe passa a assumir as despesas da casa junto ao pai) bem como a entrada mais acentuada da mulher no mercado de trabalho.

- Os pais de Ana e Márcia possuem o ensino superior completo. Ambos são formados pela Universidade Estadual do Ceará (pública). As mães de Ana e Márcia possuem o ensino médio. Uma delas (a mãe de Ana) possui o ensino médio (4º pedagógico) e lecionou numa escola pública (hoje já aposentada) e não ingressou na Universidade por motivos de saúde. A mãe de Márcia trabalha como auxiliar de escritório e não pretende ingressar no ensino superior.

Há uma certa diferenciação entre os níveis de escolaridade dos pais. Esta diferenciação pode resultar em diferentes expectativas para os filhos, pois como nos diz Bourdieu,

da mesma forma que os jovens das camadas superiores se distinguem por diferenças que podem estar ligadas a diferenças de condição social, também os filhos das classes populares que chegam até o ensino superior parecem pertencer a famílias que diferem da média de sua categoria, tanto por seu nível cultural global como por seu tamanho (1998; p. 43).

Dos entrevistados cujos pais cursaram o nível superior, os filhos também o fizeram. Temos também o caso atípico de Daniel, cujo pai é motorista, com escolarização final no ensino fundamental, e mãe que nunca trabalhou fora de casa, e cursa hoje, o ensino superior. Destacamos que Daniel ingressou no ensino superior privado, após reprovação na Universidade pública. Há também o caso de Cláudio, cujo pai investiu pesadamente na escolarização do filho, não só matriculando-o no ensino privado desde o ensino fundamental, como também realizando um valioso acompanhamento pedagógico, resultando na aprovação no curso de Engenharia na 1ª vez que prestou Vestibular para a Universidade Federal do Ceará.

Constatamos nas entrevistas que a vontade, o desejo de sucesso para os filhos independe da escolarização. Cada pai, ao seu jeito, e dentro de suas limitações, investia na escolarização dos filhos. Destacamos apenas, com relação à questão cultural (passeios e visitas culturais, frequência ao cinema, etc) que há uma certa diferenciação. Por exemplo, o pai de Márcia, freqüentador assíduo do cinema, levou a sua filha a também ter interesse por esta arte. Já os pais com menor escolarização não despertavam em seus filhos interesses culturais. Observamos também que a limitação financeira também é responsável pela limitação cultural. No caso de Pedro, por exemplo, ele nos

relatou que eram bastante caseiros ou no caso de Cláudio que não levava mais seu filho a passeios culturais devido ao custo.

É importante ressaltar que, de acordo com Bourdieu (1998; p. 42), “mais que os diplomas obtidos pelo pai, mais mesmo do que o tipo de escolaridade que ele seguiu, é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança”. Apesar de que as famílias do grupo pesquisado tenham apresentado, de modo geral, baixa escolaridade, temos o exemplo do tio de Pedro que era professor e incentivava seu sobrinho ao universo dos estudos e do trabalho, bem como o caso de Ana, que além do pai possuir o curso superior, também possuía o incentivo de sua tia e de sua avó para escolha sua profissão. É importante considerar o caso de Daniel que, mesmo vivendo em condições materiais pobres, morando em um bairro carente de atividades culturais, convivendo com parentes e amigos com significativas limitações escolares e culturais, será o primeiro de sua família a obter o curso superior. Nenhum de seus avós, pais, tios e irmãos mais velhos o possuíram anteriormente.

2) Influências marcantes da rede de relações sociais.

Ressaltamos a seguir as influências da rede de relações sociais nas trajetórias escolares de cada um. Como esta rede de amigos influenciou positivamente ou negativamente no universo escolar de cada entrevistado.

- Destacamos o caso de Daniel, que possuía um vizinho que era seu grande amigo. A mãe deste amigo era professora da rede pública e sempre acompanhou de perto a escolarização de seu filho bem como a de Daniel. Na casa deste amigo havia a assinatura de um jornal de grande circulação em Fortaleza, como também revistas (não havia assinatura), que eram sempre novas, embora doadas da casa de uma outra professora. Como na casa de Daniel não havia assinatura de nenhum jornal e nem revistas e os programas prediletos de TV eram telenovelas, ele sempre procurava ficar “atualizado” na casa deste amigo. Este amigo também o convidou para estudar na rede privada de ensino, pois observava ser fraco o nível de ensino na rede pública. Então, os dois ficaram estudando no mesmo

Colégio. Desta forma, consideramos que a influência deste amigo contribuiu de forma positiva para a escolarização de Daniel.

- No Colégio, estes alunos conviveram na mesma série, alguns na mesma turma e outros apenas na mesma série (no mínimo no 3º ano). No espaço escolar, Daniel, Cláudio, Pedro eram amigos. Cláudio era um pouco isolado, por ser um pouco tímido. Ana, Márcia e Carolina também conviveram no mesmo espaço escolar e também eram amigas de Daniel, Cláudio e Pedro. No Colégio, especialmente no 3º ano, todos, sem exceção, freqüentavam o grupo de estudo, bem como utilizavam com certa freqüência o espaço da Biblioteca e Informática. Cláudio era o aluno mais aplicado e isolava-se do grupo da brincadeira, aproveitando ao máximo o apoio dos professores.
- Ana e Cláudio sempre tiveram como objetivo a aprovação no Vestibular. Segundo Cláudio, a trajetória não era fácil, nem difícil, era trabalhosa. Tinha que estudar. Ana reconhecia que tinha limitações, especialmente nas disciplinas de cálculo. Mas sempre teve como objetivo estudar na área de saúde e não sendo aprovada na Universidade pública, optou por arcar com o ônus da Universidade privada.
- Márcia e Carol, apesar de sempre freqüentarem o grupo de estudo, reconheciam que poderiam ter se esforçado mais. Carolina, em sua entrevista, nos disse que “os amigos influenciam muito, talvez se eu tivesse escutado mais os meus amigos que estudavam eu já estivesse, hoje, na faculdade”.

Segundo Bourdieu (1998; 67), os lucros que o pertencimento a um grupo proporciona estão na base da solidariedade que os torna possível. Vemos, assim que estes amigos estão unidos com o objetivo da aprovação no Vestibular. Freqüentavam grupos de estudos, utilizavam os espaços disponíveis como a Biblioteca e o Laboratório de Informática para unidos, atingirem o objetivo de aprovação no Vestibular.

c) Trajetória escolar

Quanto à trajetória escolar individual dos alunos, concluímos que:

- Daniel foi reprovado na 3ª série do Ensino Fundamental, quando estudava na escola pública. As demais séries foram concluídas com êxito. Carolina foi retida no 2º ano do ensino médio, quando já estudava no ensino privado. Ana foi reprovada na 5ª série do ensino fundamental. Cláudio, Pedro e Márcia não passaram por nenhuma reprovação na educação básica. Dos seis entrevistados, 50% (3 alunos) ficaram retidos em alguma série da educação básica, mas esta reprovação não comprometeu o andamento dos estudos, pois não houve desistência da escola em nenhum dos casos analisados.

Com relação à análise do desempenho escolar da educação básica, bem como a percepção das facilidades e/ou dificuldades escolares – auto-avaliação, os entrevistados expressaram-se da seguinte forma:

- Daniel e Ana avaliam que tiveram dificuldades na trajetória escolar, especialmente no ensino médio. As dificuldades concentravam-se mais nas disciplinas de cálculo. Daniel nos diz ainda que esta dificuldade aumentou quando começou a trabalhar, pois seu tempo de estudo reduziu consideravelmente.
- Cláudio nos disse que teve um bom desenvolvimento escolar tanto na educação básica como também no ensino superior (ainda cursando). Sempre foi um bom aluno nas diversas disciplinas e suas preferências voltavam-se para as disciplinas que envolviam cálculos. Por isso escolheu o curso de Engenharia.
- Carolina avalia que não teve um bom desempenho no Colégio. Poderia ter se esforçado mais. Considera que faltou apoio dos professores e dos pais, mas no ensino médio tentou recuperar “o tempo perdido”. Enfrentou dificuldades, pois como disse, “não tinha base” e aí, com o casamento e logo depois filhos, o estudo deixou de ser prioridade. Ressalta que brevemente retornará aos estudos. Pretende freqüentar um

bom cursinho e ingressar na faculdade. Segundo Caroline, “é só uma questão de tempo”.

- Pedro e Márcia avaliam que foram bons alunos, mas consideram que poderiam ter sido melhores. Pedro nos diz que sempre foi muito esforçado, mas encontrava dificuldades em Produção Textual e Gramática. Márcia, enquanto aluna do ensino básico, encontrava dificuldades na área de cálculos, mas procurava compensar a dificuldade freqüentando os grupos de estudos e freqüentando aulas particulares.

De acordo com as entrevistas, destacamos que apenas Carolina não está cursando ensino superior. Segundo a entrevistada, por motivos pessoais (o casamento e nascimento do filho). Carolina não desistiu de cursar o nível superior e pretende preparar-se tão logo seu filho inicie os estudos na creche. Dos demais entrevistados, Cláudio, Pedro e Márcia cursam Universidade pública. Cláudio foi aprovado no 1º Vestibular que prestou na Universidade Federal para o Curso de Engenharia Mecânica. Márcia e Pedro foram aprovados no 2º Vestibular prestado, após estudos no cursinho pré-vestibular. Márcia ressalta, em sua entrevista, que seu pai não iria custear o ensino superior na Universidade particular e, portanto, dedicou-se muito aos estudos no período que freqüentou o cursinho. Ressaltamos que, mesmo freqüentando Universidade pública, os cursos freqüentados por estes alunos são de baixa concorrência (Biblioteconomia – concorrência média de três alunos para cada vaga) e Telemática (concorrência média de seis alunos para cada vaga), com exceção de Cláudio que cursa Engenharia Mecânica, com concorrência média de quinze alunos para casa vaga.

Daniel e Ana cursam ensino superior em instituição privada. Quando questionados sobre o porquê, ressaltam que na Universidade pública os cursos escolhidos Daniel – Informática e Ana – Enfermagem, possuem alta concorrência. Com a reprovação no 1º Vestibular que prestaram, optaram por cursar o ensino superior privado.

Com relação às expectativas e projetos profissionais, temos apenas um dos entrevistados, no caso Daniel, que pretende abrir seu próprio negócio. Caroline, como ainda não ingressou no ensino superior, pretende continuar trabalhando na clínica odontológica e ingressar no ensino superior, tão logo seu filho inicie os estudos na

creche. Ana, Pedro e Márcia pretendem prestar concurso público. Cláudio ainda não trabalha, e pretende continuar os estudos após a conclusão do curso de Engenharia.

Face ao exposto e diante do objetivo proposto de analisar as trajetórias singulares de famílias pertencentes a uma determinada fração da classe popular que adotam estratégias específicas, comuns nas classes médias, visando à continuidade dos estudos de seu filho em nível superior ou uma melhor colocação no mercado de trabalho, concluímos que cada pai, dentro de suas limitações culturais e financeiras investia na escolarização de seus filhos.

Com relação à frequência dos alunos em instituição privada de ensino, constatamos que dos seis entrevistados, três cursaram o ensino fundamental em escola pública (Daniel, Ana e Carolina) e passaram a estudar no ensino médio em instituição privada, por motivos diversos, desde a baixa qualidade do ensino público das escolas de Fortaleza, bem como a crença de que a escola privada possui melhor preparação para o vestibular ou até mesmo a proximidade de moradia dos entrevistados. Vale ressaltar que o ensino público de Fortaleza também dispõe de escolas com excelente qualidade, conforme a entrevista de Ana. Os outros três entrevistados (Pedro, Cláudio e Márcia) sempre cursaram o ensino básico em escola privada.

Com relação à questão cultural, constatamos que os pais com menor escolarização não despertavam em seus filhos interesse pelo universo cultural, por motivo de desconhecimento cultural e motivos financeiros. Quanto à rede de relações sociais dos entrevistados, consideramos relevante destacar a influência positiva ou negativa das amizades no universo dos estudos e do trabalho.

Enfim, este trabalho se soma a outros (Dallabrida, 2006; Santos, 2006; Viana, 2006; Silva, 2007) que, no âmbito do Grupo de Pesquisa “Inclusão/exclusão escolar e desigualdades sociais”, do PEPG em Educação: História, Política, Sociedade, da PUC-SP, têm procurado, com base nas contribuições de Bourdieu, analisar os aspectos familiares, sociais e escolares que contribuíram para as trajetórias escolares e sociais de alunos da escola básica no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre (1983). Esboço de uma teoria na prática. In: ORTIZ, R. (org.) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática.

_____. (1996) Razões práticas – Sobre a teoria da Educação. Campinas, Papirus.

_____. (1997) Compreender. In Bourdieu Pierre (coord.) *A miséria do Mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes

_____. (1998). Escritos de Educação (org) NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio. São Paulo: Vozes.

BORI, Carolina M.; Durham, Eunice R. (Sup. Geral) (2005) Equidade e heterogeneidade no ensino superior brasileiro. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e

BRASIL, Ministério da Educação e da Cultura (2000). Brasil mostra resultados e desafios na educação em fórum que reúne 196 países”. Disponível na Internet www.inep.gov.br (Notícias). Acesso em 26/04/2006.

_____. Ministério da Educação e do Desporto (2004). Os Desafios da Inclusão. Disponível na Internet em www.mec.gov.br/semtec

CEARÁ, Secretaria de Educação Básica. Plano de expansão e reforma do ensino médio – Pemce: relatório geral. Fortaleza: SEB, 1999.

CHARLOT, Bernard. (2000) Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

DALLABRIDA, Adarzilse Mazzuco. 2006. *As famílias com filhos deficientes e a escolha da escola o caso do Colégio Coração de Jesus*. São Paulo, PUC-SP, Tese de Doutorado.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2004). Censo de educação superior. Brasília:INEP

KUENZER, Acácia Z. (2001) Ensino Médio e Profissional: as políticas do Estado Neoliberal. São Paulo: Cortez, 3ª edição.

_____. Acácia Z. (org). (2001a). Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2ª edição.

_____. Acácia Z. (1998) A reforma do ensino técnico no Brasil e suas conseqüências. Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação. Rio de Janeiro. Fundação Cesgranrio, V. 6, No. 20 pp. 365-384.

LAHIRE, Bernard. (1997). Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. S. Paulo, Ática.

MARIA, Cecília L; FERNANDES, Sílvia Regina Alves; BATISTA Roberto. Os universitários da favela. In: ZALUAR, Alba; ALVITO Marcos (Orgs). *Um século de favela*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 323-337.

NOGUEIRA, Maria Alice e NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. (2002). A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. Educação & Sociedade. Campinas, SP. Cento de Estudos Educação e Sociedade, n.. 78, ano XXII, pp. 15-36.

_____. (2006). Bourdieu e Educação. Belo Horizonte: Autêntica. 2ª edição.

PILETTI, N. & PILETTI Claudino. (2002) História da Educação. São Paulo: Ática.

PINO, Ivani. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação: a ruptura do espaço social e a organização da educação nacional. In: BRZEZINSKI, I. (org). LDB Interpretada: diversos olhares se intrecruzam. São Paulo: Cortez, 1997, pp. 15-38.

SANTOS, Roseli Albino dos. 2006. *Processos de escolarização e deficiência: trajetórias escolares singulares de ex-alunos de classe especial para deficientes mentais*. São Paulo, PUC-SP, Tese de doutoramento.

SILVA, Jailson de Souza e. (2003). *Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: Sete Letras.

SILVA, Ani Martins da. 2006. *A suplência no ensino médio de ensino pelo desempenho acadêmico em cursos de graduação: um estudo de trajetórias escolares*. São Paulo, PUC-SP, Tese de Doutoramento.

ROMANELLI Geraldo (2000). Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos – o estudante trabalhador. *In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI Geraldo, ZAGO Nadir. Família e escola – trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

ZIBAS, Dagmar; AGUIAR, Márcia; BUENO, Maria (orgs). (2003). *O ensino médio e a reforma da educação básica*. Brasília: Plano Editora.

ZAGO, Nadir; ANJOS Letícia Merentina dos; ANDRADE Joelma Marçal de. Seletividade e acesso ao ensino superior público. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 4., 2002 Florianópolis Anais...* Florianópolis: ANPED, 2002. 1CD-ROM.

ZAGO, Nadir (2006) Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Ver. Bras. Educ., Ago/2006, v.11 no. 32, p. 226-237.*

VIANA, Edson Alves. 2006. *A Trajetória de Escolarização e Acesso à Profissão Docente de Professores Deficientes no Ensino Público de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação), PUC-SP.

VIANA, Maria José Braga (1998). *Longevidade Escolar em famílias de camadas populares* – algumas condições de possibilidade. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

- Tabela 1 p. 15
Variação do número das matrículas no ensino médio por instância administrativa, entre 2000 e 2004

- Tabela 2 p. 15
Distribuição das matrículas no ensino médio, no município de Fortaleza, por instância administrativa – 2000 a 2005

- Quadro 1 – Características Sócio-familiares – Daniel p. 36
- Quadro 2 – Dados sobre a Escolarização – Daniel p. 40
- Quadro 3 – Características Sócio-familiares – Caroline p. 41
- Quadro 4 – Dados sobre a Escolarização – Caroline p. 44
- Quadro 5 – Características Sócio-familiares – Caroline p. 45
- Quadro 6 – Dados sobre a Escolarização – Caroline p. 47
- Quadro 7 – Características Sócio-familiares – Cláudio p. 50
- Quadro 8 – Dados sobre a Escolarização – Cláudio p. 52
- Quadro 9 – Características Sócio-familiares – Pedro p. 54
- Quadro 10 – Dados sobre a Escolarização – Pedro p. 57
- Quadro 11 – Características Sócio-familiares – Márcia p. 58
- Quadro 12 – Dados sobre a Escolarização – Márcia p. 60

ANEXOS

ANEXO 1

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) **Dados de identificação**
 - a) **Nome:**
 - b) **Idade:**
 - c) **Sexo:**
 - d) **Estado Civil:**
 - e) **Escolaridade:**

- 2) **Dados familiares**
 - a) **Pai**
Idade:
Profissão:
Escolaridade:

 - b) **Mãe**
Idade:
Profissão:
Escolaridade:

- 3) **Quantos irmãos?**

- 4) **Local de residência (Bairro):**

- 5) **Sobre a organização familiar:**

- 6) **Sobre a expectativa dos pais em relação a conclusão do Ensino Médio**

- 7) **Sobre sua trajetória de vida escolar**

- 8) **Sobre sua trajetória ocupacional**
Durante o Ensino Médio era só estudante?
Quando iniciou no mercado de trabalho?

- 9) **Sobre a caracterização sócio-econômica e cultural dos pais:**

- 10) **Sobre a opção de cursar o nível médio de ensino em instituição privada de ensino (apenas para concludentes da 8ª séries em ensino público)**

- 11) **Sobre a opção de cursar o ensino fundamental e médio em instituição privada de ensino**

- 12) **Expectativas e projetos de vida pessoal.**

- 13) **O que você espera após concluir (o q você está estudando agora?)**

- 14) **E em seguida? E qual é o motivo?**

ANEXO 2
ENTREVISTAS

○ **Daniel**

1) Dados de identificação

- a. Nome:** Daniel
- b. Idade:** 21
- c. Sexo:** Masculino
- d. Estado Civil:** Solteiro
- e. Escolaridade:**

Escolaridade	Escola	Resultado
E. Fundamental I	Pública	1ª ,2ª séries – aprovado 3ª série – reprovado 4ª série – aprovado
E. Fundamental II	Pública	Aprovado em todas as séries
Ensino Médio	Particular	Aprovado em todas as séries
Ensino Superior	Particular	Cursando

2) Dados familiares

- a. Pai**
Idade: 51
Profissão: Motorista
Escolaridade: 6ª série do E. Fundamental

- b. Mãe**
Idade: 50
Profissão: dona de casa
Escolaridade: 3ª série do E. Fundamental

3) Quantos irmãos? 2

4) Local de residência (Bairro): Nossa Senhora das Graças - Zona Periférica da cidade de Fortaleza

Sobre a organização familiar, como é a estrutura da sua família?

É uma relação boa, sem brigas em família, o aprendizado sempre passou do irmão mais velho para o mais novo (sou privilegiado por ser o caçula), trabalhando em equipe. Mantendo a família unida como sempre foi.

Seu pai e sua mãe tem uma boa relação?

Sim. Meu pai está se aposentando, minha mãe já é aposentada, eles irão descansar agora porque já trabalharam muito.

Em que seus pais trabalhavam?

Meu pai trabalhou muito tempo como motorista de ônibus de uma empresa. Antes trabalhou em outras empresas de ônibus e também em uma oficina mecânica. Trabalhou por muito tempo em oficina e logo que consegui este emprego fixo na empresa de ônibus ficou nessa função até se aposentar. Já minha mãe era costureira. Trabalhou um bom tempo fora de casa depois passou a trabalhar em casa e agora está aposentada.

Eles nunca deram prosseguimento aos estudos, você saberia dizer o porquê?

(*risos*) Bem, meu pai tem uma família muito grande, tem 7 irmãos, meus avôs vieram do interior para Fortaleza e todos filhos tiveram que trabalhar muito cedo. Moravam num bairro muito pobre (como ainda moramos), então não tiveram nenhuma motivação para estudar. Sempre trabalhou, teve filhos cedo e ai não dava para pensar em estudar. Ainda hoje não vejo por parte deles muita motivação nem para incentivar os filhos, quer dizer, eles incentivam do jeito deles, mas, acho que eles deveriam incentivar mais (nós que somos filhos dele).

Já minha mãe, deixa eu ver, essa também tinha família grande e naquela época mulher “não era pra estudar” e sim para ser dona de casa, cuidar da casa e dos filhos.

Sobre a expectativa dos seus pais em relação a conclusão do Ensino Médio:

Da mesma forma que eu não sabia o que era faculdade, meus pais também não. Eles queriam que eu terminasse o 3º ano e fosse trabalhar. Eu quem expliquei o quanto era importante uma faculdade, até porque, eu serei o primeiro a me formar da minha família inteira. Conversei com eles e fiz meu 1º ano no colégio particular, mas eu terminei o 1º e eles queriam que eu voltasse para um colégio público, devido o valor e, aos meus irmãos, que reivindicaram porque eles nunca estudaram em um particular. Conversei novamente com meus pais e disse que procuraria um colégio mais barato, até que me indicaram o *Colégio Alfa* que foi onde, além de estudar, trabalhei e passei a pagar meu próprio estudo e isso foi bom porque do jeito que estava a situação eu pararia por ali mesmo devido a situação financeira, então terminei o ensino médio. Eu poderia

ter estudado em colégio do estado e trabalhado no *Colégio Alfa*, aí renderia o dinheiro, mas e o conhecimento? Como seria meu futuro? Igual de toda família? Então eu me responsabilizei pelos meus estudos, terminei o ensino médio e hoje pago minha faculdade.

Você ajuda financeiramente em casa?

Sim, graças a Deus eu já posso contribuir nas despesas lá de casa. Pago fixo a luz lá de casa até porque uso muito o computador, fico até tarde estudando e, sempre que posso ajudo também no mercantil.

Sobre sua trajetória ocupacional

Durante o Ensino Médio era só estudante?

Quando iniciou no mercado de trabalho?

Eu vi a dificuldade dos meus irmãos para conseguir um emprego, eles nunca estudaram em colégio particular, que se interessa pelo aluno, terminaram o 3º ano e pararam. Comecei a enxergar que não bastava ter o ensino médio e fui fazer cursos no período em que eu ainda estudava, consegui estágios e fui aprendendo com eles, tudo que aprendo na faculdade eu aprendi no Colégio Alfa na época em que trabalhei aqui. Eu estudei em colégio na beira da praia, conheci os que hoje são *chefes de gangue e traficantes*, não foi fácil, então eu fui me afastando desses colégios e passando a estudar em colégios mais próximos do centro da cidade, conversei com minha mãe porque eu queria um colégio particular e não deu muito certo, tanto que fiz minha 7ª série em outro colégio público e assim fui até estudar *num Colégio particular*, foi lá que conheci o que era faculdade, conseguia responder as questões de vestibulares, então tentei UFC, UECE, CEFET, mas não passei. Embora não eu tenha passado nos vestibulares, não parei por aí, eu sabia que se eu tentasse mais, conseguiria, porém, consegui um emprego melhor e fui fazer uma faculdade particular e faço até hoje, terminarei dentro de um ano meio.

Você sentiu a diferença da escola pública para a privada?

Demais, quando terminei o ensino fundamental na escola pública, fui fazer o 1º ano em um colégio particular e foi um impacto. Eu herdei dos meus pais facilidade para fazer

as coisas, primeiro entendo a situação e depois tento resolver e isso me ajudou muito na matemática e na física, da 6ª série até a 8ª tinha época que eu era o único a tirar 10 e quando cheguei no colégio particular no 1º ano senti aquele impacto, percebi que eu estava lá me baixo, aí eu vi que eu não estava no ensino público com nível alto, mas eu estava no nível normal e o colégio abaixo do nível, eu olhava as questões super difíceis no ensino privado e percebi que eu não sabia de nada e se eu fosse fazer um vestibular eu não conseguiria passar, se eu tivesse feito 2º e 3º no colégio público, a minha chance de passar no vestibular seria mínima.

Então, resumindo sua trajetória ocupacional...

Comecei a trabalhar muito cedo, ainda no ensino médio, depois já continuei no mercado de trabalho onde continuo até hoje, mas ainda no ensino médio, foi fundamental fazer cursos técnicos, pois minha área (informática) exige conhecimentos técnicos atualizados.

Quando você descobriu que a sua área era da informática?

Quando eu comecei a fazer curso no SENAI, foi na minha 7ª série, fiz uma prova, como era menor, ganhei o curso gratuito com duração de 2 anos, então despertei para essa área. Tinha o computador em mãos, não em casa, mas tinha no meu trabalho. Percebi que se gastava muito com técnico para consertar o computador e passei eu mesmo consertar.

Com relação a sua rede de relações sociais, ou seja, seus amigos:

A minha grande influência partiu dos amigos, porque meu pai só entendia de mecânica e de dirigir ônibus, minha mãe era dona casa mesmo. Mas eles sempre me incentivaram da maneira deles. Eu tinha muitas amizades e um deles até hoje é meu melhor amigo e a mãe dele era professora de colégio do estado e ele estudava em particular, então eu me perguntava: Se colégio do estado fosse bom, a mãe dele economizaria colocando o filho no estado. Eu cresci com ele no colégio particular e eu no estado, ele me ensinava o que aprendia e eu ajudava a fazer os trabalhos dele e era muito divertido. A diferença do particular para o estado é que no estado você faz dever e no particular você se diverte aprendendo. Até que no 1º ano ele me convidou para

estudar *num Colégio particular* com ele, foi difícil, mas deu certo. A influência vem das minhas amizades. Não só dele.

Mas vocês se destacaram no bairro, existem também influências de amizades ruins?

Tem muita gente da minha idade que não queria saber de estudar e hoje eles estão correndo atrás, por que só quem se destacou foi eu e o Rafael, alguns nem terminaram o fundamental por falta de incentivo, embora a gente more em um bairro onde as pessoas acham que terminando o ensino fundamental é suficiente a gente não parou, até porque a mãe do Rafael incentivou muito a gente, ela dizia, vá a praia, brinque, saia com os amigos, namore, mas estude.

Isso também é uma opção sua?

Sim, porque eu vi isso nos meus irmãos, se eu fosse o mais velho da família, talvez eu não estivesse aqui, eu vi tudo passar na minha família onde tem muita gente errada também, mas isso não era motivo para eu seguir o caminho deles, eu percebi cedo o caminho certo e fui atrás do meu. Cada um tem que ter um lugar ao sol.

Ficou claramente que em determinado momento você poderia ter se encaminhado para outro lado por influência?

Eu poderia ter parado e ter só brincado, porque eu acredito que no bairro mais pobre tem muito mais diversão que em um de classe alta, tem muitas oportunidades para não seguir um caminho profissional. Quando eu tinha 14 anos era skeitista e meus amigos também e muitos até hoje são assim. Eu continuo andando de skate e surfando, mas não com as mesmas amizades, porque tinha manobras que eu e meus amigos não conseguíamos fazer e tinham outros que faziam brincando, mas aí eu percebi que eles se drogavam para fazer e eu decidi sair desse grupinho, pois uma vez entrando nessa vida a pessoa não sai mais. Eu tinha um grupinho que era skeitista, mas não maloqueiro e temos até hoje.

E voltando para a mãe de seu amigo Rafael, o que você tem a dizer sobre a influência que ele teve sobre seu percurso profissional e escolar?

A mãe do Daniel teve muita influência. Acho até que mais do que os meus próprios pais que como já falei não entendia muito de estudos. Por ser professora ela sempre nos incentivou muito. Eu também me espalhava nela, pois achava bacana que na casa dela sempre tinha jornal, revistas pra gente ler, mesmo que o jornal fosse do dia anterior, até mesmo televisão, ela sempre assistia jornal, outros programas, não era só novela, pois lá em casa é assim: a tv só é aberta na hora da novela, na hora do jornal fecha a tv e vamos jantar, conversar, quando recomeça a novela abre novamente a tv. E lá não ela via mesmo o jornal, fazias as atividades de casa com o Rafael, quando ela não sabia resolver incentivava ele a perguntar aos professores. Enfim era muito bacana e tenho certeza que ela me influenciou bastante.

Quais outras influências você teve na época que você fazia ensino fundamental e médio?

Quando eu estudava na escola pública, poucos me estimulavam. Acho que a visão geral de todos era a de apenas concluir o ensino fundamental ou, no máximo, o médio. Os professores também não estimulavam muito. Tinham sempre uma visão, acho que posso dizer negativa do futuro. E os alunos queriam mesmo era mesmo era trabalhar. Tinha um pequeno grupo que tinha muita vontade de continuar a estudar mas acho que eles não tinha um rumo, não sabiam, como eu não sabia sequer o que era Universidade. Mas tem professores na rede pública que se esforçam bastante, é porque realmente é muito difícil disputar com a praia que era perto, com amigos da praçinha, enfim tudo era melhor do que assistir aula. Na escola particular, como falei tem os professores que estão sempre incentivando, mas lá no Colégio Alfa, pelo fato de ter trabalhado lá, tenho mais lembranças de pessoas que me incentivaram. Tinha uma professora de Biologia que era um grande exemplo. Como outros também. Tinha o de Matemática que sempre tava incentivando mesmo até quando a turma não merecia. Acho que esses dois marcaram muito. Sempre vou lembrar deles. A Coordenadora também estimulava muito e, por ter trabalhado lá, ela sempre me dava muita força pra continuar estudando, e não ficar acomodado por eu já está trabalhando.

Retomando a opção de cursar o ensino médio em instituição privada

O ensino é bem mais concentrado e voltado para o vestibular, o objetivo principal é fazer um vestibular, quando se termina o 3º ano, na verdade está começando, porque tem ensino superior, mestrado e, cada patamar desse leva um tempo e o caminho mais fácil é no colégio particular, porque pelo menos aqui no Ceará, a maioria das escolas públicas não tem interesse no aluno, só querem saber de receber seu salário no final do mês e ainda fazem greve. Pelo menos a grande maioria dos Colégios públicos infelizmente são assim, claro que tem alguns bacanas, mas o esforço do aluno tem que ser muito, muito, maior.

Você percebeu logo que continuando ali teria sido diferente?

Claro, até mesmo nas faculdades, a UECE vive em greve. Essa foi uma das opções por uma faculdade particular.

Você está gostando da Universidade particular?

Sim, eles se interessam para os que os alunos aprendam mesmo. Tira dúvidas. Claro que hoje tem algumas, ou até muitas que não tem muita qualidade. É uma farsa. Mas a faculdade que estudo tem uma excelente estrutura. Tanto no prédio como nas salas de aula e no que mais me interessa que é o laboratório de informática. O laboratório de informática é muito bem equipado e atualizado.

Lá tem alunos de colégio públicos?

Os que eu conheço são pelo ProUni. Na primeira semana de aula os professores sempre pergunta qual a escola que estudávamos no ensino médio. Deu pra ver que tem diversas escolas mas aqueles que estão lá que vieram da escola pública tem o ProUni. E realmente não dá pra pagar a mensalidade. Além da mensalidade vem transporte, livros, fotocópias. Sai muito caro. Eu mesmo tenho muita dificuldade pra custear meus estudos. Infelizmente não consegui o ProUni então tenho que batalhar bastante.

Tem diferença em nível? Dá para perceber alguma diferença?

Demais, tanto em nível como em cultura. É diferente o aluno que não tem acesso a computador em casa ou no trabalho. O curso de informática é um curso muito caro, pois

you a caba tendo que ter acesso a computador, internet, tecnologias atualizadas e isso é caro. Eu tenho muita dificuldade. Minha sorte é meu trabalho que lá é tudo muito moderno e atualizado. Outra coisa não adianta o aluno querer fazer informática se não tem conhecimento básico do computador, se não gosta. É como qualquer outro curso, é como na medicina tem que gostar muito para ser um bom profissional.

Expectativas e projetos de vida pessoal

Abrir minha empresa. Eu vejo que meus pais trabalharam tanto e meus irmãos continuam correndo atrás de algo melhor. Então vou abrir uma empresa para deixar uma herança para a família inteira. Pretendo tirar esse negócio de que minha família é analfabeta e dá a oportunidade deles estudarem. Quando eu vejo alguém da minha idade trabalhando demais, eu digo que essa pessoa deixe um tempo para estudar, como agora, eu trabalho numa empresa e estudo à noite. Fiz uma seleção para outra empresa e não sei se eu vou ficar, porque ou trabalho ou estudo (a noite) e, se eu trabalhar agora prejudico meus estudos e eu estudando vai ficar pelo resto da vida, abrindo as portas pra mim.

Então você tem a visão de empreendedor

Eu fujo da área militar e de concurso públicos, porque você nunca vai mostrar o seu máximo. Então pretendo abrir a empresa para mostrar pra todos que da família tem um que luta e se destaca e nenhum da minha família batalha concurso.

Apesar das dificuldades você não desistiu

Eu observo que vivemos em um mundo onde a gente tem que pagar caro para se cultivar a mente adequadamente. Vejo nos hospitais que quem tem dinheiro é atendido mais rápido, ou seja, o dinheiro compra até a vida. No ensino isso não é diferente. A gente tem que passar no vestibular, tem que estudar no ensino privado. Quem é da rede publica só faz faculdade particular pelo ProUni. No vestibular da UFC, a maioria que se inscreve é de colégio particular, principalmente em medicina. Então não tem como estudar a vida inteira no colégio público e tentar uma faculdade pública. É muito difícil, claro que tem alguns que conseguem.

Mudando um pouco o foco, queira saber um pouco sobre sua infância. Como foi sua infância. O que mudou nos seus sonhos? Quais eram suas expectativas?

Bem, minha infância posso dizer que foi uma infância feliz. Morava como ainda moro num bairro muito carente de lazer. Então tínhamos que “inventar” brincadeiras. Meus amigos eram na maioria do bairro, da rua onde morava. Os amigos do colégio eram os mesmos do bairro até porque morava perto de colégio público que estudava. Pra falar a verdade acho que não tinha muitos sonhos. Vim despertar mais tarde na adolescência. Foi quando comecei a ver a dificuldade de meus pais, de meus irmãos e vi que tinha que criar um futuro diferente pra mim. E essa diferença tinha que ser através dos estudos. Comecei a diferenciar as amizades que poderiam ser ruins e aquelas que poderiam acrescentar. Tenho amigos que continuam na mesma ou estão mesmo é pior, envolvidos com coisas ruins. Eu e o Rafael, por exemplo, estamos seguindo bem, claro que é difícil, enfrento dificuldades, mas acho que esse é o caminho.

A trajetória para ser um bom profissional é árdua?

Claro que é. Principalmente para aqueles que como eu tem que começar do zero. Não tenho família rica. Como falei serei o primeiro a ter curso superior na minha família. É muito cansativo passar o dia trabalhando e a noite ir pra faculdade. Não posso deixar de trabalhar e nem de estudar. Tem gente lá na faculdade que tem grana, tem empresa própria e aí falta o trabalho no dia que tem prova. É muito fácil assim. Eu não. Eu tenho que levantar muito cedo, pegar ônibus, ir pro trabalho. Mas logo, logo comprarei meu primeiro carro. Vai ser velhinho, mas, será muito útil.

Sobre a caracterização cultural da sua família.

Não tenho dificuldade, apesar da minha família ser de nível baixo, eu aprendi a andar em um nível melhor. Ainda há gente que estranha quando digo que moro no Pirambú, e eu digo que lá não tem só violência, classe baixa. Onde eu moro tem muito pescador e se eu falar no *Alvorada* deles eles pensam logo em praia. Outros pensam em Dragão do Mar, mas não pensam naquele pescador que batalha para trazer o alimento para casa. O Pirambu é um bairro muito pobre, todo dia tem fila enorme nos hospitais e não são atendidos, as pessoas são assalariadas, tem deles que são pais e estão desempregados e seus filhos não podem estudar, as escolas públicas não tem ensino adequado, até o ano

passado elas serviam de creche. Mas outros se destacam, vão atrás e procuram colégio mais próximo do centro para mudar até de amizades e conhecer outro mundo, a cultura vai abrindo espaço e transforma a pessoa, que conversa com todo mundo. Tem gente que diz que rico é pessoal besta, mas não é. A pessoa besta é aquela que é pobre e fica rico, porque ela vai querer ensinar o “gari”. Sempre tem muita dificuldade, por exemplo: passagem de ônibus não pára de aumentar, e o valor que se paga dá pra comprar um alimento que pode servir para o almoço e isso é um absurdo, porque dificulta mais a saída da periferia, porque tudo custa caro para a periferia. Hoje em dia tem um projeto do CEFET que o teste de seleção é só pro pessoal do Pirambu, então eles vão poder competir entre si. Isso é um avanço muito grande. Tem gente que está saindo de lá e se tornando um engenheiro, trabalhando com energia eólica. Graças a um desses projetos que o do CEFET. Existem outros projetos também, mas que não vão pra frente porque não tem ajuda do governo.

ENTREVISTAS 2

○ Pedro

▪ **Dados de identificação**

- a. **Nome:** Pedro
- b. **Idade:** 21
- c. **Estado Civil:** Solteiro

▪ **Dados familiares**

a. **Pai**

Idade: 53

Profissão: motorista

Escolaridade: 4ª série do ensino fundamental I

b. **Mãe**

Idade: 52

Profissão: dona de casa (nunca trabalhou)

Escolaridade: ensino médio

▪ **Quantos irmãos?** 2 irmãos

▪ **Local de residência (Bairro):** Jardim Iracema

▪ **Escolaridade:**

Escolaridade	Escola	Resultado
E. Fundamental I	Particular	Aprovado em todas as séries
E. Fundamental II	Particular	Aprovado em todas as séries
Ensino Médio	Particular	Aprovado em todas as séries

▪ **Sobre a organização familiar. Como é a estrutura da sua família?**

Meus pais são casados, até hoje, graças a Deus é uma família bem estruturada, isso foi fundamental para conseguirmos estudar, o meu pai e minha mãe também sempre foram abertos para as nossas opções, assim, eles sempre apoiaram a área que eu queria seguir, ou seja, ele não disse Pedro faça isso, não, ele simplesmente disse: estude e você escolha qual área que você deseja estudar. Apesar da pouca escolaridade do meu pai, ele sempre foi ciente de que através do estudo você pode melhorar.

▪ **Então ele sempre acreditou, sempre quis que os filhos superassem sua escolaridade**

Esse é o maior ideal dele, por isso ele sempre investiu na escola.

▪ **Seu pai e sua mãe tem uma boa relação?**

Sim, sim. Eles são bem casados, eu nunca vi os dois brigarem ou discutirem, pelos menos, na frente dos filhos não. Mas acho que eles não brigam mesmo. Se dão super bem, casal bem tranqüilo, sempre presentes. Difícil até ver casais assim nos dias de hoje. Dá pra ver no grupo de amigos deles que a maioria são separados e gera até problemas na educação dos filhos.

▪ **Em que seus pais trabalhavam?**

Meu pai era motorista particular e depois comprou um táxi. Sempre trabalhou neste ramo. Minha mãe nunca trabalhou. Sempre foi dona de casa. Acho que isso foi fundamental na educação dos filhos.

▪ **Porque você considera este fato (ter sua mãe como dona de casa) como “fundamental”?**

Bem, acho que foi fundamental na minha educação e, acho que na dos meus irmãos também. Ela estava sempre presente “vigiando”, vendo se estávamos fazendo os exercícios de casa, vendo nossa agenda escolar, qualquer problema ia logo à escola, mesmo com pouca escolaridade ela estava sempre presente tentando resolver os problemas da melhor maneira possível. Acho que educar os filhos hoje em dia tá cada vez mais complicado devido à ausência dos pais em casa. Hoje os dois tem que trabalhar e eles ficam com babás ou vão à escola muito cedo. Tá ficando difícil de controlar esta garotada, talvez por isso tenha tanto problema de crianças na escola.

▪ **E seu pai? Qual era a participação dele?**

Meu pai, deixa eu ver... bem meu pai tem maior participação financeira, claro, até porque só ele trabalha lá em casa. A participação no dia-a-dia ele não tem, mas sempre que aparece um problema maior aí o problema passa da mamãe para ele. Os problemas menores minha mãe mesmo resolve.

▪ **Mas sua mãe conta pra ele tudo que acontece com os filhos ou ela “esconde” os problemas que surgem?**

(risos) Acho que ela evita um pouco de contar, pois ele sempre chega muito cansado, mas só “esconde” se for bobagens. No geral ela conta sim. Eles gostam muito de conversar, então ela sempre abre o jogo. Eu e meus irmãos não damos muitos problemas não. Só minha irmã que é um pouco, acho que,, indisciplinada, seria a palavra, mas nada que não se resolva.

▪ **Vamos falar um pouco sobre sua escolaridade. Como foi sua escolaridade ao longo do E. Fundamental e Médio? Você parou de estudar ou deu continuidade aos estudos em nível superior?**

Nunca repeti, quando terminei o ensino médio, fiz cursinho e um ano depois já estava na Faculdade. Sempre fui um aluno acho que posso dizer, razoável pra bom. Não era um aluno nota 10, mas, garantia meu 7, a média do Colégio. Sempre estudei em Colégio particular, foi opção dos meus pais, sei que tiveram que fazer sacrifícios, como ainda fazem para pagar o Colégio da minha irmã. Deixam de ter lazer, de sair mais de casa para pagar a mensalidade e os outros custos do Colégio. Como não estudaram, pretender dar a melhor educação possível para os filhos, claro que pagando o que eles podem. No Colégio não era indisciplinado. Tinha um grupo de amigos que ainda temos contato. Era um

grupo muito unido, muito bacana mesmo. Brincávamos, mas na hora de estudar levávamos a sério. Tinha certa disputa uns com os outros. Uma disputa saudável. Agora eu estou fazendo CEFET, nível superior, curso de Telemática (ramo que associa informática com telecomunicações). Iniciei no CEFET em 2004.2. Fiz cursinho preparatório (o **aluno concluiu em 2003**)

▪ **Sobre a expectativa dos seus pais em relação à conclusão do ensino médio?**

Sempre quiseram que eu continuasse os estudos, nunca cobrou que eu fosse logo trabalhar, mas acho que isso parte muito da consciência do aluno, já no meu 3º ano eu me sentia desesperado, o que é que eu vou fazer? Passava por dificuldade financeira, então arranjei um trabalho com meu tio e aí deu para pagar o cursinho pra continuar estudando, então acho que parte muito da consciência do aluno, mas também tem a influencia da família e até dos amigos, da escola, dos professores, é um conjunto que forma a mentalidade. Até porque influência é o que não falta, pelo local onde moro, infelizmente, eu já vi muitos amigos meus em péssimo caminho; pessoas que não tiveram estrutura familiar nenhuma ou porque não quiseram mesmo, que tiveram oportunidade e não quiseram.

▪ **Com relação ao seu grupo de amigos (do colégio e outros amigos do seu convívio), amigos que moram no mesmo bairro, ou do esporte, ou de cursos) como está este seu grupo de amigos?**

Boa parte que eu conheço deixaram de estudar no ensino médio, não tem aquela visão de prosseguimento, de crescimento, tão só querendo ganhar um dinheirinho com uma profissão qualquer. Tá conseguindo aquele pão de cada dia tá bom, tá suficiente, não tenta ir além.

▪ **Você se referiu a um grupo de amigos do Colégio que tinha uma “disputa saudável”, como era esta disputa, você tem notícias desses seus amigos hoje?**

Quando falei de disputa saudável tava me referindo a disputa por notas no Colégio. Na verdade queríamos ser sempre o melhor do grupo, isso é bom porque todos nós crescíamos. Na sala de aula, por exemplo, era bacana quando tinha debate com o professor e sabíamos responder as questões. Acho que no fim todo nosso grupo cresceu muito. E, os professores gostavam muito desse nosso grupo. Era uma turma muito unida, deixou muita saudade.

▪ **Você fez referência ao seu tio. Ele teve influência nas suas decisões?**

Meu tio é professor. Sempre gostei muito da área de matemática. Ele teve influencia sim. Com certeza. Ele sempre gostou de estudar, é muito inteligente, e é a pessoa que mais se destaca na minha família em termos de estudos. Meus pais estudaram muito pouco, então ele acabou tornando-se um exemplo pra mim.

▪ **Ele teve influência nas suas decisões?**

Sempre gostei muito da área de matemática. Não era bom em leitura e nem redação. Não tenho a menor afinidade com estas áreas. Quando era estudante

sempre me destaquei na área de cálculo. Talvez isso tenha me aproximado do meu tio. Mas passei a ter contato maior com ele na última série do ensino médio e agora na faculdade. Antes não tinha muito contato. Mas sempre achei que ele era um grande exemplo na minha família.

▪ **E tem alguém mais na sua família que você tem referência?**

Deixa eu ver... dos irmãos do meu pai e da minha mãe só tem esse meu tio que é formado. Os demais não são. Têm alguns que são comerciantes e que ganham um bom dinheiro, mas não quiseram estudar, os demais são mais simples como meus pais. Agora é que vão aparecendo os primos que estão indo pra faculdade. Meu irmão mais velho já tá na faculdade. Ele faz Ciências Sociais na UFC. Tenho outros primos que também já estão na faculdade e outros que desistiram de estudar ou pararam no ensino médio mesmo.

▪ **É um orgulho para seus pais ter dois filhos na Universidade**

Um grande orgulho. Minha mãe agradece muito a Deus por ter uma família tão legal como a nossa. Nada de drogas nada de outros problemas. É muito orgulho mesmo não dá nem pra explicar. Ele diz que quando minha irmã mais nova entrar na faculdade terá sua missão cumprida. E, acho que ela vai logo entrar na faculdade. Ela é brincalhona, mas é muito inteligente. Acho que ela vai continuar sim a estudar.

▪ **E com relação aos professores que você teve no ensino fundamental ou médio, eles deixaram alguma marca?**

Ah, com certeza deixaram sim. Alguns deles marcaram muito até tornaram amigos. Torciam, vibravam com o nosso sucesso. Lembro da primeira vez que fiz Vestibular e não passei a expressão de tristeza do meu professor de matemática e da minha coordenadora. Não era de decepção e, sim, de poxa ele merecia passar, era um bom aluno e, mais, ainda a força que ele deu para que eu continuasse, parecia coisa de família. Isso me marcou. Sentia a vontade de não decepcionar a eles e a mim mesmo. Vi outros casos de amigos meus que os pais brigavam, xingavam, dizia que o filho não passar era o mesmo que pegar o dinheiro que pagou a taxa e ter jogado no lixo. Poxa isso desestimula muito a pessoa que já tá triste porque não passou.

▪ **Sobra a sua trajetória ocupacional?**

Durante o ensino médio eu era só estudante, não trabalhei. Depois comecei a trabalhar com meu tio, mas é um trabalho bem informal. Ele é professor, como já falei, então ajudava no que era possível. Fiquei também dando aulas particulares que era indicação dele. Na minha área mesmo ainda não estou atuando ainda.

▪ **Quanto tempo você está na faculdade?**

Dois anos

▪ **Com relação aos alunos da faculdade, eles são advindos da escola pública ou particular?**

Na sua maioria da escola particular. Mas tem alunos da escola pública sim. E são bons alunos. O Cefet tem um cursinho próprio então os alunos da escola pública tem direito a fazer este cursinho com um pagamento muito pequeno. Daí os que fazem este cursinho ou outro e se dedica um pouco, passa no Vestibular.

▪ **Como é a concorrência do seu curso?**

Este curso é novo, não tá há muito tempo. Quando eu fiz Vestibular a concorrência era de vinte pra uma vaga aproximadamente.

▪ **Sobre a caracterização econômica e cultural dos seus pais. Como é?**

Na parte econômica eles sempre se esforçaram muito para pagar o Colégio. Com relação à questão cultural, meu pai sempre foi caseiro, casa – trabalho – trabalho – casa. Eu acredito muito, muito que apesar da família bem humilde, mas bem estruturada, isso foi fundamental para a mentalidade que eu e meus irmãos temos hoje. Eu acho que foi devido a isso. A presença do pai (casa –trabalho) e mãezinha sempre ali dona de casa, essa junção foi fundamental para mim. Eu já vi, por exemplo, famílias desestruturadas em que acontecem duas situações: uma é do filho superar e vencer e lutar para quando tiver sua família não ter esses tipos de problemas, e a outra é a de o filho cair em situações digamos assim de risco.

▪ **Você falou de amizades no Colégio. E no seu bairro como é a sua vizinhança?**

Lá onde moro tá muito ruim. Muito complicado mesmo. Até um tempo atrás era tranquilo morar lá. Mas a periferia de Fortaleza tá com uma violência absurda. As condições do meu bairro são razoáveis. Não tenho o que reclamar. As ruas, as avenidas, a limpeza, tudo bacana, mas muito próximo tem favelas sem qualquer estrutura. E aí começa a violência, jovens sem perspectivas, alto índice de drogas, de tal forma que tá ficando muito perigoso. Com relação aos amigos do meu bairro, tenho poucos. Mas de uma forma geral tem muita gente indo pelo caminho errado. Acho que é a desestrutura familiar. Muitas amigas já grávidas, sem maturidade nenhuma, acaba gerando crianças sem família. E aí os problemas começam a aparecer.

▪ **Mudando um pouco o foco. Sobre a opção fazer os estudos em escola particular, mesmo com sacrifício financeiro, como você vê isso, porque você acha que seu pai fez essa escolha?**

É questão de acreditar que a escolar particular tem um ensino melhor, hoje a instituição pública tem uma imagem muito desgastada, acho que meu pai faria o impossível para eu e meus irmãos não estudarmos em escola pública, como realmente não aconteceu, mesmo tendo lá em casa momentos de grande dificuldade financeira. Ele abria mão de qualquer coisa menos de que seus filhos estudassem em escola particular, como também sempre nos colocou em uma escola que ele pudesse pagar, nunca forçou a barra para nos colocar em uma escola nobre, cara. Sempre estudamos nesse Colégio, com dificuldade para meu pai pagar, mas sempre deu tudo certo.

Quais são suas expectativas e projetos pessoais de vida? O que você pretende para sua vida? Quais suas aspirações?

Eu pretendo entrar no mercado visando mesmo à remuneração, mas eu prezo muito pela estabilidade. Tentar um concurso público, até já me esforço para arranjar um tempinho para estudar, sempre querendo lembrar as matérias e ver um pouco a parte de Direito que é fundamental hoje nos concursos e, o que vai me trazer a felicidade é a estabilidade, é entrar numa instituição, fazer meu trabalho direitinho e ter a certeza que não vou sair. O termo que eu daria prioridade é a *estabilidade*. Eu até poderia ter a idéia de ter alguma coisa minha, mas se for optar eu optaria pela estabilidade. O CEFET incentiva muito o novo empreendedor, mas no final o que quero mesmo é um trabalho estável.

Você está gostando do curso? É a área que você realmente queria?

Eu estou satisfeito com o curso, eu fui mesmo pela minha afinidade com a matemática e a física, eu sempre tentei nessa área, antes tinha sido informática mas não passei, aí fiquei na telemática que é muito próximo. E, pensei também que essa área poderia ter um futuro próspero. Acho que juntei as duas coisas e defini. Estou também satisfeito com o curso, com a estrutura física, com os professores, claro que sempre tem alguns professores que não são tão bons assim, mas até já aconteceu da coordenação substituir o professor por pressão dos alunos. Está dentro das expectativas que eu tinha.

Você falou que está satisfeito com seu curso e que quer fazer concursos. Estes concursos seriam na sua área ou você está se preparando para concursos em outras áreas? Não pretende mesmo mudar de curso?

Não pretendo mudar de curso. Estou como disse satisfeito com a área que escolhi. E, tem concursos públicos nesta área. Mas a maioria das provas exige também conhecimentos na área do Direito e que não é visto na faculdade. Vou começar a ver para qual concurso pretendo estudar e me dedicar a isto, pois priorizo a estabilidade. Não quero que aconteça comigo o que aconteceu a alguns familiares meus que trabalhavam em empresas privadas e 10 ou 15 anos depois estavam fora do emprego e totalmente sem rumo, como também não tenho como abrir alguma coisa própria. Por isso optei pelo emprego público mesmo.

○ **Carolina**

▪ **Dados de identificação**

- a. **Nome:** Carolina
- b. **Idade:** 22
- c. **Estado Civil:** Casada
- d. **Local de Nascimento:** Baturité / Ce

▪ **Dados familiares**

a. **Pai**

Idade: 52

Profissão: taxista

Escolaridade: 8ª série do Ensino Fundamental.

b. **Mãe**

Idade: 45

Profissão: autônoma (vendedora de roupas)

Escolaridade: ensino médio

▪ **Quantos irmãos?** 2 irmãos

▪ **Local de residência (Bairro):** Alvorada

▪ **Escolaridade:**

Ano	Escolaridade	Escola	Resultado
1996	E. Fundamental I	Pública	Aprovado em todas as séries
2000	E. Fundamental II	Pública	Aprovado em todas as séries
2004	Ensino Médio	Particular	1º ano – Aprovada 2º ano – Reprovada 3º ano - Aprovada

▪ **Sobre a organização familiar. Como é a estrutura da sua família?**

Os meus pais vieram de família muito humilde. Casaram muito cedo e continuam casados até hoje. Teve uma época que ficaram separados, acho que uns 3 anos. Depois fizeram as pazes e ele retornou para casa. Antes eles tinham um relacionamento bom, mas depois da separação ficou um clima de desconfiança. Mas hoje já não moro mais com eles. Estou casada há 2 anos e tenho um filho. Casei muito nova e não é fácil. Casa de verdade não é casa de boneca. Não é fácil um casamento nos dias de hoje, mas estamos bem e espero continuar bem por muito tempo, porque penso muito na educação de meu filho.

- **Você falou que pensa muito na educação de seus filhos. Qual a ligação que você faz entre família, casamento, educação dos filhos?**

Educação do filho. Pretendo ficar só em 1 filho mesmo (*risos*). É que hoje em dia vejo como tá difícil ter família estruturada. Tenho um irmão mais velho que já está divorciado e o filho dele tá muito confuso com o que tá acontecendo com os pais. Fico muito preocupada com o meu filho. Sou bem casada, tenho um marido muito atencioso, muito bacana mesmo, mas a gente nunca sabe. Passei por muita dificuldade na infância, e não quero isso pro meu bebê.

- **Que tipo de dificuldades você passou? (caso não se importe de falar)**

Muita dificuldade financeira. Saímos do interior, lá morávamos na casa de meus avós e viemos pra Fortaleza sem ter nenhuma previsão de nada. Eu era pequena, mas eu me lembro bem. Meu pai veio na frente e nos trouxe quando já tinha emprego fixo. A dificuldade acabava gerando briga lá em casa. Minha mãe teve que se virar muito também. Hoje ela tem o dinheirinho próprio dela, mas teve muito sacrifício.

- **E com relação e sua educação e de seus irmãos?**

Nós estudávamos em escola pública que era pertinho da casa que morávamos. Meus pais não eram muito ligados nisso não. Acho que meu pai nunca foi na escola onde eu e meus irmãos estudávamos. Minha mãe era um pouco mais preocupada, principalmente depois que ele concluiu o ensino médio, passou a dar mais valor aos estudos e até nos colocou na escola particular.

- **Como foi a mudança da escola pública para a particular?**

Teve um lado bom e um lado ruim. A escola pública que eu estudava não era ruim. O grande problema era a clientela, os alunos. Os alunos da escola pública não dão valor a nada. Muitos deles estão lá apenas por causa da merenda. Aí os professores também ficam desestimulados. A família também não apóia. Os alunos não fazem as atividades passadas para casa, mas não fazem porque não sabem e não tem quem ensine. Tem

muitos problemas envolvidos. Muitos têm famílias desestruturadas, pais que bebem, mães que não dão nem aí para os filhos. Tive muitos amigos assim. Ai meus pais viram que eu e meus irmãos estávamos indo mal. Também não fazíamos as atividades, até porque se não fizesse não acontecia nada. Não éramos cobrados. E aí fomos estudar no colégio particular. Não foi fácil não. Eram três mensalidades pra pagar. Mas confesso que é diferente. Há cobrança tanto por parte dos professores como dos pais. Agora como eles não pagando eles exigem. Minha mãe queria ver o boletim, de vez em quando ia na escola.

▪ **Como era você enquanto aluna?**

Sempre fui calma, calada. Tou até estranhando tá falando agora. Mas tou gostando. Era uma aluna razoável, mas nunca tinha ficado reprovada na escola pública. Aí quando fui pro Colegio Alfa tive muita dificuldade porque eram muitas matérias, aula até 5º tempo. Tava despreparada, tanto que fiquei reprovada no 2º ano. Mas, depois achei que foi importante pois tive a oportunidade de revisar a matéria. Daí conheci meu marido e ele era um bom aluno. Fiquei mais estimulada e passei a me dedicar mais aos estudos. Agora pretendo fazer Vestibular apesar da dificuldade que sei que é.

▪ **Então você considera que seu marido foi importante nesse momento de desestímulo?**

Demais. Ele me estimulou muito e ainda estimula até hoje. Ele já tá na faculdade. Quero logo entrar na faculdade também.

▪ **Está estudando para isto?**

Casei muito cedo. Não que isso seja motivo pra parar de estudar. Logo tive um filho, que também não é motivo. Mas aí comecei a trabalhar e tudo foi acontecendo e o estudo foi ficando para trás. Mas quero voltar logo a estudar.

▪ **O que você pretende fazer?**

Bem, primeiro quero que meu filho comece a estudar. Vai ficar mais fácil, eu espero. Sonho mesmo é alguma coisa na área de saúde, trabalhar em hospital, ajudar pessoas. Hoje trabalho numa clínica como secretária, mas não sou realizada. Quero mesmo é

trabalhar ajudando as pessoas, ser enfermeira ou assistente social. Na verdade ainda não sei bem o curso.

▪ **Você gosta mesmo desta área ou tem algum com que você se identifica?**

Os dois. Tenho uma amiga que estudou comigo no 3º ano e já está fazendo enfermagem. Mas não é só por isso não, é porque gosto mesmo. Ela tá bem já trabalha na área e tá muito feliz.

▪ **Sobre sua trajetória ocupacional: durante o ensino médio era só estudante? Quando iniciou no mercado de trabalho**

Era só estudante. Ajudava informalmente minha mãe na venda de roupas, que ela vende até hoje. Quando terminei o 3º ano, já estava noiva e preocupada com trabalho. Deixei currículo em vários locais, shoppings, lojas, consultórios. Era complicado porque não tinha nenhuma experiência. E aí deu certo neste consultório e estou lá até hoje.

▪ **Trabalha a quanto tempo?**

Quase três anos.

▪ **Não foi nenhuma indicação?**

Não, não. Deixei meu currículo, coincidiu que estavam precisando de secretária, fiz entrevista e fiquei.

▪ **Pretende como você disse dar continuidade aos estudos e tentar outros trabalhos?**

É. Pretendo voltar a estudar no próximo ano, quando meu filho entrar na escola.

▪ **Em que rede de escola pretende matricular seu filho.**

(risos) Por mim deixaria ele na creche que é pública aqui perto. Por aqui as escolas particulares começam, na maioria, a partir de 3 anos. Ainda estou resolvendo com meu marido.

▪ **Com relação a amigos, as relações sociais sua e de seu marido. Como é?**

Sempre fui muito na minha. Muito caseira. O Carlos é que gosta de se divertir um pouco. Tenho um grupo de casais amigos e aí fazemos churrascos uns na casa dos outros.

▪ **E com seu filho. quais os passeios que faz com ele?**

Ele é ainda muito novinho. Só vamos à casa de nossa família mesmo. Estamos naquela fase de ficar em casa porque ele ainda é muito novinho e fica difícil sair. Mas tenho aprendido muito no meu trabalho com os dentistas e pessoal lá do consultório. Tenho aprendido a importância de programas mais culturais, penso que quando ele ficar maior vamos passear no Dragão do Mar, sei que ele tem que ver filmes, tenho que contar historinhas. Aqui no bairro a vizinhança não dá valor a essas coisas. Tem criança que fica até tarde vendo televisão, filmes, não tem horário pra dormir, nem pra comer. Eu e o Carlos não queremos isso para nosso bebê não. Somos bem parecidos nisso.

▪ **Como é o bairro onde mora?**

O bairro aqui tem muitos problemas, assaltos diários, mas ainda temos uma boa vizinhança, ainda é possível passear com meu filho na calçada, na praça aqui próximo mas, acho que isso está perto de mudar. Daqui uns dias teremos que ficar dentro de casa mesmo e, ainda correndo risco. Mas compramos a casa aqui porque fica perto tanto de meus pais como dos pais do Carlos.

▪ **A casa onde morar é própria?**

Estamos pagando. Tem muito tempo ainda para pagar. Mas um dia será nossa.

- **Voltando a falar um pouco sobre seus pais. Como é a caracterização sócio – econômica e cultural de seus pais? O que eles gostam de freqüentar?**

Acho que é uma vida muito simples. Meus pais passam por dificuldades financeiras, tá tudo difícil. Viver é muito caro. Mas eles gostam mesmo é de ir a praia aos domingos, de churrasco, coisa bem popular. Eu é que sou um pouco diferente. Não gosta de lugares muito cheios, com muita gente. Prefiro uma coisa mais tranqüila.

- **Quais suas expectativas e projetos pessoais.**

Não tenho muita ambição. Hoje o que quero mesmo é passar no Vestibular e fazer minha faculdade e poder dar o melhor para meu filho. se tiver oportunidade de fazer um concurso público seria muito bom. Vivo sempre ansiosa, como medo que eu ou o Carlos possa perder o emprego.